

PENTECOSTALISMO

UM TRATADO SOBRE O MOVIMENTO PENTECOSTAL

ITIbrasil
www.itibrasil.com

Índice

Capitulo I: O Pentecostes

Capitulo II: A Origem e a Continuidade do Pentecostalismo
1. Movimento Pentecostal – Século I até o Século XX
2. Expansão do Movimento Pentecostal
3. Movimento Pentecostal no Brasil
4. História das Assembléias de Deus no Brasil

Capitulo III: A Doutrina Pentecostal

Capitulo IV: Principais Grupos Evangélicos no Brasil
1. Os Tradicionais
Igreja Luterana - 1517
Igreja Anglicana - 1534
Igreja Presbiteriana - 1549
Igreja Batista - 1609
Igreja Metodista - 1740
2. Os Pentecostais
Igreja Congregação Cristã no Brasil - 1910
Igreja Assembléia de Deus - 1911
Igreja do Evangelho Quadrangular - 1950
Igreja O Brasil para Cristo - 1955
Igreja Deus é Amor - 1962
3. Os Neopentecostais
Igreja Universal do Reino de Deus - 1977
Igreja Internacional da Graça de Deus - 1980
Igreja Sara Nossa Terra - 1980
Igreja Renascer em Cristo - 1986

Capitulo V: Rejeição ao Pentecostalismo

Capitulo VI: Antropomorfismo em Alta
1. Culto Antropocêntrico
2. Culto Teocêntrico
3. Mantras e Extravagâncias

Capitulo VI: Os Bastidores da Pregação dos Lideres das Igrejas Modernas
1. A Bíblia usada como pretexto
2. Ministrando numa época em que os ouvidos comicham
3. Mensagem Corrompida
4. Um Evangelho mundano e antibíblico

Capitulo VII: Culto que não agrada a Deus

Capitulo VIII: Culto que Agrada a Deus

Capitulo IX: Heresias Neopentecostal

Capitulo X: Três episódios e muitas Inquietações

Capitulo XI: Práticas Judaizantes em Igrejas Evangélicas

Capitulo XII: Comercialização Gospel

Capitulo XIII: Perguntas e Respostas Objetivas

Capitulo XIV: Reflexão

Introdução

Numa linguagem simples você vai percorrer os corredores da História do Movimento Pentecostal e descobrir que o Pentecostes nunca deixou de existir, também vai conhecer os movimentos que culminaram no pentecostalismo moderno no mundo e sua chegada ao Brasil.

Evidentemente o topo culminante que assinala, o ponto de partida do Cristianismo é o Monte das Oliveiras. Foi ali que Jesus Cristo o Nazareno, cerca do ano 30 da nossa era, ministrou seus últimos ensinamentos a cerca de 500 discípulos, antes de ascender aos céus, dos quais 120 permaneceram até o dia dos pentecostes.

No dia de Pentecostes o Espírito Santo desceu sobre aqueles 120 irmãos reunidos, estando ali também os 12 apóstolos, os quais sendo cheio do Espírito Santo, proclamaram oficialmente as boas novas do Cristianismo e deram impulso a este movimento começado por Cristo.

O cristianismo iniciou sua historia com um movimento de caráter mundial através do grande derramamento do Espírito Santo na primavera do ano 30 d.C. e esse avivamento serviu para iluminar a mente dos discípulos dando-lhes um novo conceito do reino de Deus, fazendo com que ele compreendesse que aquele reino não era um império politico, mas sim um reino espiritual para conquistar o mundo por amor de Cristo.

Cheios do Espírito Santo, tanto os apóstolos, como os demais cristãos resistiram as perseguições implacáveis promovidas pelos religiosos e por Roma. É bastante estranho observar essas perseguições ao Cristianismo dirigidas pelos imperadores Romanos, pelo fato dos Romanos possuírem uma vasta cultura na área jurídica da lei e do direito, perseguirem pessoas tão cidadãs e fieis as autoridades como eram os cristãos; mas por outro lado havia algumas coisas que despertavam, ciúmes, invejas e iras aos romanos e principais autoridades da época.

Umas dessas coisas eram que o Cristianismo considerava todos os homens iguais: um escravo poderia se eleito bispo da igreja, coisas que os da nobreza não aceitavam, outra coisa era que os cristãos não aceitavam fazer parte ao culto ao imperador, e outra questão principal, era que os cristãos pregavam a vinda de um outro rei "Jesus", e sim a Ele adoravam, enquanto que os romanos veneravam a Cezar; e uma das principais causas também era a ambição pretensiosa de alguns dos funcionários públicos de se apropriar das propriedades de alguns cristãos ricos, que morriam durante as perseguições. As perseguições mais fortes foram a que Nero liderou (66 a 68 d.C.), e Dominicano (90 a 95 d.C.). Porém, nem a mais implacável das perseguições conseguiu apagar a chama pentecostal que ardia nos corações.

Capitulo I
O Pentecostes

No antigo calendário Deus decretou três festas anuais, as quais deveriam ter santa convocação, ou seja, onde todos os varões deveriam apresentar-se no Tabernáculo, ou posteriormente no Templo. Dt 16.16. A Festa dos Pães Asmos, relacionada com a Páscoa (Dt 16.1-8); a Festa das Semanas, Festa das Primícias ou Festa do Pentecostes, relacionada com as primícias da colheita de grãos, especialmente a do trigo e cevada (Dt 16.9-12; Ex 23.16; 34.22); e a Festa dos Tabernáculos ou Festa da Colheita, relacionada com o fim da colheita. Dt 16.13-16.

Pentecostes uma festa Judaica: Em primeiro lugar, a palavra festa (hag, no hebraico) significa fazer um círculo. Isso revela o sentido primitivo de festa, isto é, uma reunião comunitária. Êxodo 5.1. Nela, o povo celebrante reunia, especialmente, para estudar os textos sagrados que, mais tarde, viriam a ser a Bíblia. Em segundo lugar, o nome Pentecostes vem da língua Grega e significa cinqüenta dias depois, a saber, da festa da Páscoa. Originalmente, esta festa possuía três nomes hebraicos: festa das Semanas, festa das Colheitas ou Dia das Primícias. Estes três nomes revelam um pouco do conteúdo da festa: era agrícola e situada no período das colheitas. A troca de nome para Pentecostes deu-se a partir do período grego (333-63 anos antes de Cristo), quando a Grécia dominou culturalmente o mundo. O mais primitivo motivo desta festa foi gratidão a Deus pelo dom da terra. Posteriormente, o povo israelita incorporou o motivo de gratidão pela doação da Torá.

Jerusalém como local da Festa: Tudo leva a crer que, originalmente, a Festa do pentecostes era realizada na roça, particularmente, no campo de trigo. No projeto de reforma, empreendido pelo rei Josias, no século VII a.C., todas as festas foram levadas para o Templo em Jerusalém. Por que Jerusalém?

1. Jerusalém é a sede do governo, a capital política e espiritual.
2. Jerusalém é uma cidade que possui uma carga fortíssima de tradição. Sl 48.
3. Jerusalém encarna-se todas as contradições e conflitos.
4. Jerusalém é o centro de todas as tensões da vida judaica:
   4.1. Em Jerusalém, sente-se amor dentro da condição de ódio.
   4.2. Em Jerusalém, nasce a esperança em meio ao desespero.
   4.3. Em Jerusalém, o povo acredita que se dará a plenitude da vida.

1. Fatores que Contribuíram para o dia de Pentecostes

- Obediência: At 1.4; 5.32; I Sm 10.1-10; Dt 16.16; Ex 23.17
- Oração com fé e unidade: At 1.14; Mt 5.24; Ef 4.3,6,13
- Perseverança: At 1.14; 4.13; Is 40.31; 62.6,7; Os 10.12

2. O dia de Pentecostes

- Confirmação deste dia - fogo: II Co 3.6; Sl 104.4; Mt 3.11; At 4.13
- Natureza do projeto - vento: Jo 3.8; 10.15; 6.63; Gl 5.22; At 2.11
- Manifestação pragmática - línguas: At 2.4,8; I Co 14.1-4; Rm 12.1

3. Os resultados do dia de Pentecostes

- Crescimento dos apóstolos: At 2.40; 3.14-16; 4.8,13
- Crescimento da Igreja: At 2.41,47; 4.4; 5.14
- Crescimento da perseguição: At 4.1-3; 5.17,18

Capitulo II

A Origem e a Continuidade do Pentecostalismo

A origem do pentecostalismo está em Atos 2, onde encontramos a primeira menção ao dom das línguas. VV 1-15. Seguindo-se a Festa de Pentecostes, os cento e vinte discípulos foram ouvidos "em diversas línguas, de acordo com o que o Espírito Santo lhes ordenou". Havia então em Jerusalém uma diversidade tal de raças e povos, que representavam "toda nação sob o céu". Todos ficaram "desconcertados", porque cada um ouviu os discípulos falando das "maravilhosas coisas de Deus" em sua própria língua. A glossolalia (palavra grega que designa este carisma) então descrita era, de "histórica, articulada e inteligível". Depois derramamento glorioso houve outras "manifestações subseqüentes ocorreram em Cesaréia, Palestina, Éfeso e Corinto, todas as regiões poliglotas".

Perspectiva Histórica

Ao longo de toda a História, desde o dia de Pentecostes que marca de forma indelével o nascimento da Igreja em Jerusalém até aos dias de hoje, sempre o batismo no Espírito Santo foi uma experiência à disposição de todo o crente, embora nem sempre tivesse assumido a dimensão que lhe conhecemos nos primórdios da igreja e do início do século XX.

No brilhante prefácio de O testemunho dos séculos, o missionário sueco Samuel Nyström ressalta que um dos motivos pelos quais há poucos registros históricos de manifestação dos dons espirituais antes do século XIX é que os historiadores, cessacionistas em sua totalidade, omitiram de suas obras manifestações como profecias e línguas estranhas, que quando eventualmente citadas eram apresentadas, nas palavras de Nyström, como “excentricidades passageiras, coisas inconvenientes até para serem descritas”.

Outro fator é que os casos de glossolalia (como o fenômeno das línguas estranhas é descrito tecnicamente) foram realmente muito raros depois do terceiro século até ao período da Reforma Protestante, já que o advento da Igreja Católica Romana, com os seus dogmas heréticos que afetaram até o conceito de salvação, acabou jogando a cristandade em uma profunda era de trevas espirituais. Some-se a isso a má vontade dos historiadores e temos esta escassez de registros. A glossolalia só voltou a ganhar registros significativos quando retomou com força total nos séculos XIX e XX.

Experiência Pentecostal até ao Século III

Um deles é citado por Emílio Conde em O testemunho dos séculos. Conde menciona uma história narrada pelo reverendo Frederic William Farrar (1831-1903), historiador e deão da Catedral de Canterbury, na Inglaterra. Em suas pesquisas sobre a Igreja Primitiva, Farrar registra a visita às escondidas de um príncipe britânico da Corte Romana a uma reunião cristã. Segundo a narrativa, em dado momento da reunião, “línguas estranhas” foram ouvidas.

"As palavras que pronunciavam eram elevadas, solenes e cheias de significação misteriosa. Não falavam a sua própria língua, mas parecia que falavam toda a qualidade de idiomas, embora não se pudesse dizer se hebraico, grego, latim ou persa. Isso se deu com uns e outros, segundo o impulso poderoso quer operava na ocasião", transcreve Farrar, que em seguida declara: "O príncipe os ouvira falar em línguas. Ele fora testemunha ocular do fenômeno pentecostal que o paganismo não conhecia". Esse era um culto da Igreja Primitiva do primeiro século. É só a partir do século III que a freqüência dos dons espirituais não é mais a mesma.

O outro relato refere-se a um movimento espiritual no segundo século liderado por Montano que haveria de descarrilar para a heresia por falta de sólido fundamento bíblico: O movimento surgiu na Frigia, Ásia Menor romana (Turquia), em meados do segundo século, e visava o despertamento espiritual da Igreja. É que algumas comunidades cristãs estavam esfriando espiritualmente, inclusive olvidando os dons espirituais, tão comuns no primeiro século. O adepto mais famoso do montanismo, como ficou conhecido o movimento, foi Tertuliano, um dos Pais da Igreja. Montano não tinha cargos eclesiásticos. Ele e três mulheres ricas, Priscila, Quintila e Maximila, percorriam as cidades pregando a necessidade de viver uma vida de santidade para estar pronto para a Vinda de Cristo. Havia línguas estranhas, revelação e profecias. As três mulheres profetizavam. Nas profecias, Deus falava por meio delas na primeira pessoa: "Eu, o Senhor...".

Um outro registro vem-nos pela pena do anticristão Celso, citado pelos Pais da Igreja: Celso, um filósofo pagão que odiava os cristãos, menciona em um dos seus discursos do segundo século (176 DC) que os seguidores de Cristo falavam línguas estranhas. O discurso de Celso é citado literalmente nas obras Contra Heresias e Comentário de João, de Orígenes (254 DC). Orígenes cita-o para comprovar que no segundo século os cristãos falavam em línguas estranhas. Ou seja, já na época de Orígenes, línguas estranhas não eram tão comuns. Em seu discurso, Celso afirma que os cristãos são estranhos e fanáticos, e que em suas reuniões falam palavras ininteligíveis para as quais uma pessoa racional não consegue encontrar significado. Ele diz que são línguas muito obscuras.

Além de Tertuliano e Orígenes, apenas mais dois Pais da Igreja citam o falar em línguas estranhas: Irineu e Agostinho. Irineu era discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João. Ele foi bispo em Lyon, na França. A Igreja de Irineu era uma das poucas comunidades cristãs da época em que os dons espirituais ainda estavam em plena atividade. Em seus escritos do início do terceiro século, Irineu afirma: Temos em nossas Igrejas irmãos que possuem dons proféticos e, pelo Espírito Santo, falam toda a classe de idiomas.

Veio, então, o quarto século, o advento do catolicismo romano, seus dogmas espúrios e o conseqüente engessamento da Igreja. Mesmo assim, há registros de que, no quarto século, Pacómio, o fundador do primeiro mosteiro, falava em grego e latim sem nunca ter estudado essas línguas. Pacómio nunca explicou o caso e todos começaram a atribuir essas suas habilidades ao Espírito Santo. E, finalmente, Agostinho, bispo de Hipona, escreve no mesmo período: Faremos o que os apóstolos fizeram quando impuseram as mãos sobre os samaritanos, pedindo que o Espírito Santo caísse sobre eles:

Esperamos que os convertidos falem novas línguas. Agostinho tinha a expectativa de que o que era comum até ao terceiro século continuaria a acontecer no quarto. Porém, quando escreve Cidade de Deus anos depois, já no quinto século, no ocaso do seu ministério, ele transparece não acreditar mais na contemporaneidade de todos os dons espirituais.

Assim, depois do quarto século, praticamente não se houve mais falar de línguas estranhas e de manifestação de dons espirituais. Elas só voltam à tona da Reforma Protestante em diante. Existiram casos entre os séculos V e XV, pois o Espírito Santo nunca deixou de atuar plenamente na História, mas foram poucos os que ficaram registrados para a posteridade.

Só no século XII surgem novamente referências concretas a línguas estranhas nos registros históricos: No século XII, Pedro Valdo, rico comerciante francês do Delfinado (Leste de França), resolve dar todos os seus bens aos pobres e reúne os fiéis dispostos a lutar com ele contra o luxo e a opulência do clero romanista. Nascem, assim, os valdenses, caracterizados pelo desejo de um evangelismo puro. Por só reconhecerem a autoridade dos Evangelhos, os valdenses foram excomungados em 1182. Perseguidos por Roma, espalharam-se na região de Lyon, depois na Provença e até ao Norte de Itália e à região da Catalunha. Segundo registros históricos, os primeiros valdenses falavam línguas desconhecidas. Esses registros são ressaltados pelo jornalista norte-americano John Sherrill, em uma pesquisa que fez sobre o Movimento Pentecostal antes de aceitar o pentecostalismo, e que foi publicada posteriormente sob o título: They Speak in Other Tongues.

Nos séculos seguintes, há referências a manifestações espirituais entre albigenses e outros grupos, mas nada muito direto no que concerne a línguas estranhas. O pré-reformador Girolama Savonarola, do século XV, por exemplo, era usado em profecia e tinha visões, mas não há referência à glossolalia em seu ministério. De qualquer forma, isso mostra que os dons espirituais ainda estavam sendo usados, mesmo que não em sua plenitude, como nos primeiros séculos da Igreja. Afinal, se a principal doutrina, a da Salvação, ainda precisava ser resgatada, o que dizer das demais?

Por isso, só após a Reforma Protestante os registros aumentam. Há casos entre os anabatistas e, segundo o historiador alemão T. L. Souer, em sua obra: História da Igreja Cristã, no volume 3, página 406, o próprio Martinho Lutero falava em línguas estranhas: Dr. Martin Lutero profetizava, evangelizava, falava em línguas e interpretava revestido de todos os dons do Espírito Santo. Essa é a única referência histórica à glossolalia na vida do célebre reformador, e escrita por um antigo e respeitável historiador alemão do século XIX.

No século XVII, entre os Quacres, há registro de línguas estranhas. W. C. Braaithwait, no seu relato sobre as primeiras reuniões dos Quacres, escreveu: Esperando no Senhor, recebemos com freqüência o derramamento do Espírito sobre nós e falamos em novas línguas. No mesmo período, há glossolalia entre os pietistas. O Movimento Pietista nasceu na Alemanha, em 1666. O historiador Edmund Hamer Broadbeent (1861-1954) cita registros de línguas em cultos pietistas nos séculos XVII e XVIII: Um estranho êxtase espiritual vinha sobre alguns ou sobre todos, e começavam a falar em línguas. De quando em quando essas manifestações se repetiam. A muitos deles, estas coisas pareciam mostrar que, agora, eram um só coração e uma só alma no Senhor.

No século XIX, há um boom de registros de glossolalia. Em 1830, na Escócia, uma jovem de Fernicarry, chamada Mary Campbell, planejava tornar-se missionária. Ela começou a orar por isso e, em uma certa noite daquele ano, quando orava junto com outros amigos, Campbell sentiu poderosamente a presença divina e começou a falar em um idioma que não conhecia. No começo, pensou que se tratava de uma língua que a ajudaria na obra missionária, mas nunca pôde identificar que idioma era aquele.

Na mesma época, em Inglaterra, um destacado ministro londrino, o reverendo Edward Irving (1792-1834), pastor presbiteriano, recebeu o batismo no Espírito Santo. Ele e a sua congregação foram excluídos da denominação. Havia línguas e profecias nos cultos. Foi em Julho de 1822 que Irving, então com 30 anos, foi convidado a pastorear uma pequena congregação da Igreja da Escócia em Londres, a Caledonian Chapel. No início do ano seguinte, as multidões que se reuniam para ouvi-lo eram tão grandes que um novo templo precisou ser construído: a majestosa catedral de Regent Square. Em 1827, quando o novo templo foi inaugurado, cerca de mil pessoas freqüentavam os cultos regularmente, fazendo dela a maior igreja da capital inglesa.

A fama de Irving se devia ao fato de ser um pregador eloqüente. Um historiador diz que "nenhum ídolo e nenhum pecado escapavam do açoite profético de suas denúncias abrasadoras". Mesmo assim, "a alta sociedade londrina ocorria para ouvi-lo, inclusive distintas personalidades do mundo político e intelectual, como Canning, Lord Liverpool, Bentham e Coleridge. Embora os seus sermões se estendessem em média por duas horas, era preciso reservar lugares com dias de antecedência".

A partir de 1825, Irving começou a reunir-se com amigos na casa do banqueiro Henry Drummond, em Albury Park, para estudar escatologia e buscar o Senhor, pedindo um derrame do Espírito Santo. Então, em 1830, surgiram ocorrências de glossolalia e profecias na Escócia. Um ano depois, no final de 1831, surgiram também línguas e profecias nos cultos de Regent Square, a igreja pastoreada por Irving, que se recusou a proibi-las. Semanas depois, Irving foi afastado do pastoreado de Regent Square. Mais de 600 pessoas o acompanharam. Após a morte de Irving aos 42 anos, devido à tuberculose, esse grupo fundou a Igreja Apostólica de Londres, que aos poucos se diluiu.

Em 1854, falando de um avivamento em uma igreja evangélica da Nova Inglaterra, um crente chamado V. P. Simmons escreveu impressionado: "Em 1854, o ancião F. G. Mathewson falou em línguas, enquanto o ancião Edward Burnham interpretou as mesmas". Por essa época, os mórmons anunciaram que falavam em línguas em uma colônia de Nauvoo, Illinois. O 7º artigo da fé dos mórmons fala sobre a contemporaneidade dos dons espirituais. Porém, as ocorrências pareciam ser mais um bluff da seita, para chamar a atenção de curiosos, do que manifestações reais do Espírito Santo.

Em 1855, jornais publicam que, dentro da Rússia czarista, um pequeno grupo dissidente da Igreja Ortodoxa Grega falava línguas e profetizava. Em 1873, Ropbert Boyd escreve sobre uma campanha que o célebre evangelista Dwigght Lyman Moody fez em Sunderland, Inglaterra:

Quando cheguei às salas da Associação Cristã de Moços, encontrei a reunião em fogo. Os jovens estavam falando em línguas e profetizando. Que significaria isso? Somente que Moody pregara para eles naquela tarde. Nada se sabe sobre Moody ter falado línguas alguma vez. Se o fez foi de forma particular. Sabe-se, porém, que muitos dos que o seguiam falavam em línguas e ele não os criticava por isso. Moody cria em uma segunda bênção subseqüente à salvação e que consistia em um revestimento do poder do Alto, que ele e R. A. Torrey chamaram de "batismo no Espírito Santo". A diferença é que os dois não ensinavam que línguas estranhas era evidência externa do batismo no Espírito.

Em meio ao avivamento do século XIX nos Estados Unidos que começou em 1857 e se estendeu até perto do final do século, e que teve como protagonistas principalmente Charles Finney e Moody, as ocorrências de glossolalia aumentaram. Eventualmente, pessoas falavam em línguas nas campanhas de Moody e Finney. Finney cria também em uma segunda bênção, mas, como Moody, não a vinculava às línguas. Nesse período, surgiu também o Movimento de Santidade ou Holiness, como é conhecido em inglês, de onde surgiria o Movimento Pentecostal no início do século XX.

Nessa época, R. B. Swan, pastor em Providence, Rhode Island (EUA), escreveu: Em 1875, nosso Senhor começou a derramar sobre nós de seu Espírito. Minha esposa, eu e alguns irmãos começamos a proferir algumas poucas palavras em uma língua desconhecida. Em 1879, mais outro caso: um crente chamado Jethro Walthall, do Estado de Arkansas, falou em línguas. Quando o Movimento Pentecostal se inicia, o caso de Walthall é relembrado e ele escreve: Quando tive essa experiência, nada sabia do ensino bíblico acerca do batismo no Espírito Santo ou do falar em línguas. Como Walthall, muitas pessoas passaram pela mesma experiência nos séculos anteriores, em sua devoção pessoal com Deus, mas por essa doutrina estar relegada naquele período, guardaram essas experiências para si.

Outro caso ocorreu na viagem do teólogo F. B. Meyer (1847-1929) à Estónia no final do século XIX. Meyer conta que visitou congregações batistas e viu "uma poderosa ação do Espírito Santo". Escrevendo a crentes em Londres, ele diz: "O dom de línguas é ouvido abertamente nas reuniões, especialmente nas vilas, mas também nas cidades. (...) O pastor da Igreja Baptista disse-me que muitas vezes as línguas irrompem em suas reuniões e, quando elas são interpretadas, têm como significado: Jesus está vindo. Jesus está perto. Esteja pronto. Não seja negligente. Quando as línguas são escutadas, incrédulos que porventura estejam na audiência ficam grandemente impressionados.

Em 1880, na Suíça, uma crente chamada Mary Gerber declara que em momentos especiais de alegria, que descreve como entregar o meu duro coração ao Espírito Santo, entoa cânticos espirituais em um idioma que lhe é desconhecido. Anos depois, em visita aos Estados Unidos, Mary estava orando por uma amiga enferma quando começou a cantar e a profetizar fluentemente em inglês, para espanto dele e da sua amiga.

Um outro caso em especial ocorreu na Armênia, em 1880. Membros da Igreja Presbiteriana da vila de Kara Kala pediram a Deus um derramamento do Espírito Santo e vivenciaram um avivamento com línguas estranhas, revelações e profecias. Nesse avivamento, é profetizado um grande mover de Deus para o final do século, atingindo todo o mundo. Essa profecia cumpre-se com o advento do Movimento Pentecostal.

Todos esses casos foram apenas um prelúdio do que aconteceria em Dezembro de 1900 e que deu início ao Movimento Pentecostal.

Surgiram, no século XIX, os pregadores da segunda bênção. Homens de Deus como: Dwight Lyman Moody; R. A. Torrey; A. B. Simpson; Andrew Murray; A. J. Gordon; F. B. Meyer e Charles Grandison Finney que passaram a ensinar, à luz da Bíblia, que a nomenclatura bíblica batismo no Espírito Santo não era sinônimo de conversão, mas uma experiência subseqüente à conversão e que se caracterizava por ser um revestimento do poder do Alto para dinamizar o serviço cristão.

Moody, Simpson e principalmente Torrey enfatizavam que todo o cristão deveria buscar esse revestimento de poder. Porém, nessa época, os cristãos evangélicos ainda não entendiam que as línguas estranhas eram evidência externa do batismo no Espírito. Os pregadores da segunda bênção criam na contemporaneidade dos dons espirituais. Era comum ouvir registros de que em algumas reuniões havia línguas estranhas, profecia, cura divina, etc, mas nunca se vinculava as línguas ao batismo no Espírito.

Nesse período, grandes servos de Deus começaram a destacar-se, principalmente manifestando dons de cura. Alguns deles foram os norte-americanos: John Alexander Dowie; John Graham Lake e Maria Woodworth Etter. Lake foi curado em 1886, aos 16 anos, após oração de Dowie em seu Divine Healing Home (Lar de Cura Divina), em Chicago. Ele convertera-se em uma reunião do Exército de Salvação, mas passou a congregar na Igreja Metodista ainda adolescente.

Em 1891, John Lake casou com Jennie Stevens e dias depois descobriu que a sua esposa estava com tuberculose e uma incurável doença de coração. Durante anos ele orou por ela, até que, depois de ler Atos 10.38, orou pela cura da sua esposa com fé na Palavra de Deus e viu o milagre acontecer. Era 28 de Abril de 1898. A partir dessa data, Lake não seria mais o mesmo. Em 1907, sabendo do Avivamento da Rua Azusa, Lake jejuou pedindo a Deus o batismo no Espírito com a evidência da glossolalia. Ao final do jejum, recebeu a benção e iniciou o seu ministério evangelístico com manifestação da cura divina. Dirigido pelo Espírito, foi para a África do Sul. Antes de morrer, voltou aos Estados Unidos, onde continuou pregando até partir para a Eternidade em 1935. Quando isso ocorreu, as igrejas sul-africanas Missão de Fé Apostólica e Cristã Sião, ambas fundadas por ele naquele país, já contavam, juntas, com mais de 100 mil membros e 600 congregações na África do Sul.

Maria Woodworth converteu-se a Cristo em 1857, na Igreja dos Discípulos. Passou um tempo com os Quakers e depois voltou à Igreja dos Discípulos. Quando pregava em uma congregação da sua igreja, foi batizada no Espírito Santo com evidência de línguas estranhas. Como essa doutrina ainda não havia sido popularizada por Charles Parham, Etter entendera apenas que o revestimento do poder do Alto que recebera viera, nesse caso, acompanhado de línguas. Ela só foi compreender a experiência que vivenciara posteriormente sua pregação era acompanhada por visões, profecias, milagres, línguas e libertações.

Quando o Avivamento de Azusa começou, Etter se juntou a ele. Foi só com Charles Fox Parham que a doutrina do Batismo do Espírito Santo passou a ser entendida como é hoje. Foi ele quem resgatou a compreensão, bastante clara nos tempos apostólicos, de que as línguas estranhas eram evidências externa do batismo no Espírito.

Tudo ocorreu quando Parham, um professor de Teologia pertencente à Igreja metodista, resolveu abrir um seminário em Topeka, Kansas. Ele abriu a Escola Bíblica Betel, como passou a ser conhecida, em uma casa que pertencera a um tal de Stone, que fizera um trabalho mal feito ao construir o lugar. Por isso, o casarão passou a ser chamado de a tolice de Stone. Era Outubro de 1900 quando ele começou as aulas para cerca de 40 estudantes. Alguns deles já haviam estudado em outros institutos bíblicos.

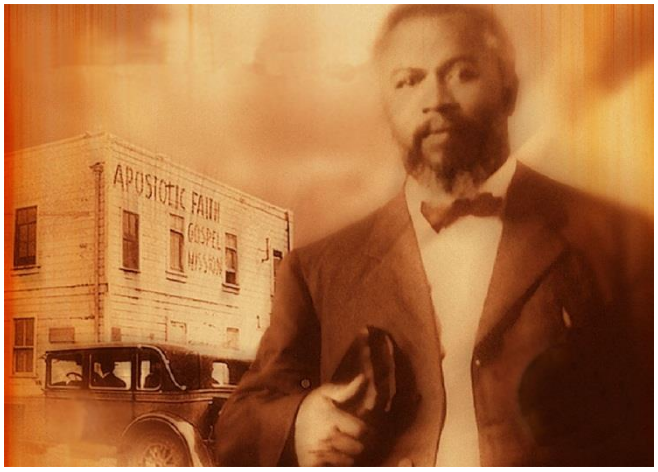
O que atraiu esses alunos foi o fato de a proposta de Parham consistir em promover um ano de estudos onde ele e os demais alunos estudariam sobre como descobrir o poder que capacitará a Igreja a enfrentar o desafio do novo século. Seria um ano de treinamento com estudo da Palavra, oração e evangelismo. Cada aluno teria um período de três horas do dia dedicadas exclusivamente à oração. Conta-se que alguns passavam a noite orando. Era também uma escola da fé, como se chamava, já que nenhuma taxa seria cobrada para moradia e alimentação. O objetivo da escola era, em síntese, preparar-se para a obra do Senhor e clamar a Deus por um novo avivamento para as igrejas.

Em 25 de Dezembro de 1900, depois de estudarem sobre Arrependimento, conversão, consagração, santificação, Cura Divina e Segunda Vinda de Jesus, Parham precisou viajar, mas deixou uma tarefa para seus alunos. Disse ele: "Em nossos estudos, nos deparamos com um problema. E o segundo capítulo de Atos? **(**...**)** Tendo ouvido tantas entidades religiosas reivindicarem diferentes provas para a evidência do recebimento do batismo recebido no Dia de pentecostes, quero que vocês estudem diligentemente qual é a evidência bíblica do batismo no Espírito, para que possamos apresentar ao mundo alguma coisa incontestável, que corresponda de forma absoluta com a Palavra.

Três dias depois, Parham retorna e seus alunos apresentam a seguinte resposta: a prova irrefutável em cada ocasião era que eles falavam em línguas, e mesmo nas passagens bíblicas onde as línguas não são citadas na experiência do batismo no Espírito, elas estão claramente implícitas. Parham concordou com a resposta e passou a sistematizar a doutrina.

Porém, em 1 de Janeiro de 1901, a Escola Bíblica Betel saiu da teoria para a prática. Em um período de oração, a aluna Agnes Ozman, de 18 anos, pediu para que Parham e os demais alunos impusessem as mãos sobre ela pedindo o batismo no Espírito Santo. Eram 11h daquele dia quando Ozman se tornou a primeira pessoa, depois do período apostólico, a receber o batismo no Espírito consciente de que as línguas eram a sua evidência externa. O poder sobre ela foi tamanho que passou três dias sem conseguir falar em inglês. Ozman transbordava no Espírito toda a hora, louvando a Deus em línguas em todos os momentos. Nos demais dias, todos os outros receberam o batismo, inclusive o próprio Parham, que foi um dos últimos.

Movimento Pentecostal – Século XX



Com o derramamento do Espírito Santo na Escola Bíblica Betel, em Topeka, Kansas, a doutrina bíblica do batismo no Espírito Santo com evidência externa de falar em outras línguas foi redescoberta e sistematizada. Porém, apesar de Charles Fox Parham e seus alunos se dedicaram à divulgação desse ensinamento nos Estados Unidos, não foi com eles que o Movimento Pentecostal ganhou notoriedade. O mundo só foi dar conta desse movimento espiritual em 1906, por meio da instrumentalidade de um homem negro e simples, amante da Palavra de Deus: William Joseph Seymour. Foi ele o homem que Deus usou para dar início ao célebre Avivamento da Rua Azusa.

Tudo começou quando Neely Terry, uma moradora de Los Angeles que freqüentava uma pequena Igreja da Santidade, fez uma viagem a Houston, Texas, em 1905. Ela freqüentou a igreja que William Seymour estava pastoreando. Embora Seymour não tivesse recebido ainda o batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em outras línguas, estava convencido que era bíblico e pregava esta mensagem com grande fervor.

Seymour aprendeu a doutrina no batismo no Espírito Santo assistindo às aulas que Parham ministrava no país sobre o assunto. Quando Parham chegou à sua região, ele foi até lá ouvi-lo. Porém, como as leis de segregação nos Estados Unidos ainda eram fortes nessa época, as leis determinavam que os negros não podiam assistir a uma aula na mesma sala dos alunos brancos. Por isso, ele teve que colocar uma cadeira no corredor, diante da porta da sala e, dali, assistiu atentamente a todas as aulas de Parham. Após o curso, inflamado pelo que aprendera, William Seymour passou a pregar a mensagem pentecostal no Texas.

Impressionada com o caráter e a mensagem de William Seymour, ao retornar à Califórnia, Neely Terry relatou à sua igreja sobre as mensagens avivadas de Seymour e convidaram-no para visitá-los. Ele concordou em ir. Só que o empreendimento evangelístico, que havia sido inicialmente previsto para durar um mês, acabou durante anos. Os planos de Deus eram diferentes.

Seymour chegou a Los Angeles em 22 de Fevereiro de 1906, e dentro de dois dias estava pregando na Igreja da Santidade de Los Angeles. Ele pregou sobre regeneração, santificação, cura divina e o batismo no Espírito Santo com a evidência de falar em outras línguas. Julia Hutchins, líder da igreja, rejeitou o ensino de Seymour e, dentro de poucos dias, fechou as portas da igreja para ele. O presbitério da igreja rejeitou o ensino de Seymour. No entanto, em meio à perseguição, Seymour continuou firme e inabalável em seu trabalho para o Senhor.

Os membros daquela igreja que creram na pregação de Seymour começaram a realizar reuniões com ele em suas casas. Alguns se sentiam compelidos a passar horas em oração e outros tiveram visões confirmando que Deus iria abençoá-los em Los Angeles com um derramamento espiritual. O grupo continuou a reunir-se para oração e adoração, realizando cultos na casa de Richard e Ruth Asbery na 214 Bonnie Brae Street. Outros tiveram informações a respeito dos cultos e começaram a freqüentá-los, incluindo algumas famílias brancas que moravam próximas de Igrejas de Santidade.

Assim, em 9 de Abril de 1906, o derramamento teve início quando Edward Lee foi batizado no Espírito Santo e começou a falar em línguas após Seymour ter orado com ele. Os dois então se dirigiram à casa dos Asbery. Lá cantaram um hino, oraram e testemunharam, seguindo-se uma pregação de Seymour usando Atos 2.4 como texto-chave. Após a mensagem de Lee levantou suas mãos e começou a falar em línguas. O Espírito de Deus moveu-se sobre aqueles crentes reunidos e seis outras pessoas começaram a falar em línguas naquela mesma noite. Jennie Moore, que mais tarde se casaria com William Seymour, estava entre elas. Foi a primeira mulher em Los Angeles a receber o batismo no Espírito Santo. Ela começou a cantar em línguas e a tocar piano sob o poder de Deus, sem nunca antes ter aprendido a tocar esse instrumento.

Poucos dias mais tarde, em 12 de Abril, William Seymour finalmente recebeu o batismo no Espírito Santo, aproximadamente às quatro horas da manhã, depois de Ter orado a noite toda. Uma testemunha ocular, Emma Cotton, mais tarde relembrou aquelas experiências: eles clamaram durante três dias e três noites. As pessoas vinham de todas as partes. Perto da manhã seguinte, não havia como entrar na casa. Conta-se que algumas pessoas que conseguiam entrar na casa caíam sob o poder de Deus sem que houvesse alguém que as sugestionasse a isso, e toda a cidade ficou agitada. Clamaram ali até o chão da casa ceder, mas ninguém ficou ferido. Durante aqueles três dias, muitas pessoas que tinham vindo só para ver o que estava acontecendo receberam o batismo no Espírito Santo. Os doentes ficaram curados e muitos aceitavam Jesus ao entrarem em casa.

Após o derramamento inicial do Espírito Santo em Los Angeles, cresceu o interesse pelos cultos de oração. As multidões tornaram-se tão grandes para a casa dos Asbury em Bonnie Brae Street, que foram levadas para o quintal da casa. Logo este espaço também se tornou pequeno. O grupo descobriu então um prédio disponível na Azusa Street, número 312, que tinha sido construído originalmente como uma Igreja Metodista Africana. Tendo sido abandonado, o galpão foi usado como um estábulo para abrigar feno e animais. No entanto, foi consertado e limpo em preparação para os cultos.

Dentro de poucos dias, a imprensa de Los Angeles tomou conhecimento sobre os cultos de avivamento realizados na Azusa Street Mission **(**Missão da Rua Azusa**)** por reportagens em jornais publicados por todos os Estados Unidos e no mundo. Milhares tomavam conhecimento do avivamento e eram atraídos para os cultos em Azusa. Todos se reunião em adoração: homens; mulheres; crianças; negros; brancos, hispânicos; asiáticos; ricos; pobres; analfabetos e graduados. Foram arrebanhados para Los Angeles tanto cépticos como famintos espirituais.

Em Setembro de 1906, um repórter de um jornal local desaprovou os eventos ocorridos e escreveu que a Azusa Street Mission era uma "vergonhosa mistura de raças **(**...**)** eles clamavam e faziam grande barulho o dia inteiro e noite adentro. Essas pessoas parecem ser loucas, com problemas mentais ou enfeitiçadas. Elas afirmam estar cheia do Espírito. Elas têm um caolho, analfabeto e negro como seu pregador que fica de joelhos a maior parte do tempo com a sua cabeça escondida entre engradados de leite feitos de madeira. Não fala muito, mas às vezes pode ser ouvido gritando "Arrependei-vos" **(**...**)** Eles cantam repetidamente a mesma canção, "O Consolador Chegou".

Em poucos meses, a Azusa Street Mission, que passou a se chamar Apostolic Faith Mission **(**Missão da Fé Apostólica - o mesmo nome que Gunnar Vingren e Daniel Berg deram à igreja fundada por eles no Brasil, e que só passou a ser chamada Assembléia de Deus oficialmente em 1918**)**, tornou-se a maior igreja da cidade, com cerca de 1,3 mil pessoas freqüentando os cultos diariamente, e o fervor do avivamento continuou por três anos.

Os cultos eram realizados de Domingo a Domingo, três vezes por dia: pela manhã, à tarde e à noite, com o prédio sempre lotado. A mensagem era o amor de Deus, e a unidade e a igualdade eram prioridades. O historiador Frank Bartleman observou sobre Azusa: A linha cor foi removida pelo sangue de Jesus. Também às mulheres eram dadas posições de liderança na Missão. O jornal The Apostolic Faith, publicado pela Missão, alcançou distribuição mundial, com tiragem de mais de 50 mil exemplares por edição.

Expansão do Movimento Pentecostal

O movimento pentecostal expandiu-se por todas as partes do mundo. Um dos pioneiros do Movimento pentecostal na Europa foi Thomas Barratt, um pastor norueguês metodista que teve contacto com Azusa e trabalhou no florescimento de igrejas pentecostais na Noruega, Suécia e Inglaterra.

Barratt influenciou o pastor batista sueco Lewi Pethrus, que foi o pioneiro do Movimento Pentecostal naquele país.

Na Inglaterra, um dos maiores nomes do pentecostalismo nascente foi o pastor Donald Gee e o teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman, da AD nos EUA, foram os dois nomes que sistematizaram as doutrinas pentecostais. Charles Parham foi quem sistematizou a Doutrina do Batismo no Espírito Santo, mas foram Gee e Pearlman que sistematizaram toda a Teologia Pentecostal. Gee, por exemplo, foi o primeiro a sistematizar a doutrina acerca do uso correto dos dons espirituais.

Na Alemanha, um dos líderes do Movimento da Santidade naquele país, Jonathan Paul, semeou a mensagem pentecostal. Na Itália, um forte pentecostalismo brotou por meio dos parentes de imigrantes italianos nos EUA. Muitos desses imigrantes tiveram contacto direto com o Avivamento de Azusa e retornaram à sua terra para pregar a mensagem pentecostal aos seus parentes.

Na Rússia o pioneiro do Movimento Pentecostal foi Ivan Voronaev, um imigrante russo nos EUA. Em 1919, ele fundou a primeira Igreja Pentecostal Russa em Manhattam, Nova Iorque. Em 1920, Voronaev, de volta à Rússia, começou um ministério em Odessa. Após nove anos, depois de incrivelmente fundar nesse curtíssimo período de tempo 350 congregações na Rússia, Polônia e Bulgária, Voronaev foi preso pela polícia soviética. Acabou morrendo na prisão.

Na Holanda após lerem exemplares do jornal Apostolic Faith **(**da Missão de Azusa**)** falando sobre o Avivamento em Azusa e notícias nos jornais seculares de 1906 sobre o assunto, alguns cristãos holandeses resolveram clamar pela mesma benção. Assim, em 1907, Deus batizou a esposa do pastor G. R. Polman. No ano seguinte, foi a vez do próprio Polman. Em 1912 foi inaugurado o primeiro templo pentecostal em Amsterdã. Depois foi a vez de Roterdão, Hilversum, Utrecht, Ilha Terscchelling e Haarlem.

Na Suíça o pastor Smith Wigglesworth, um dos grandes nomes da história do Movimento Pentecostal, foi um dos instrumentos de Deus para trazer a mensagem pentecostal. Ele trabalhou principalmente na cidade de Berna. Wigglesworth foi batizado no Espírito Santo em um trabalho dirigido pelo pastor Thomas Barratt, de quem já falamos. Também trabalhou na África do Sul.

No País de Gales o pastor Alexander A. Boddy foi um poderoso arauto divino, fazendo conferências pentecostais naquele país e depois pela Europa. Boddy tomou conhecimento do avivamento lendo os primeiros exemplares do jornal Apostolic Faith.

Estendeu-se pela Ásia

O Movimento Pentecostal na China começou em 1907, com a chegada dos irmãos A. G. Garr, vindos da Califórnia, **(**EUA**)**, e acesos pelo fogo de Azusa. As suas conferências evangelísticas alcançaram centenas de pessoas em Macau, Hong Kong e Cantão, com dezenas de conversões e batismos no Espírito Santo. Mas, um dos grandes nomes do pentecostalismo na China em seu início é, sem dúvida, Nettie Noorman. Ela já era missionária naquele país quando soube do Avivamento da Rua Azusa. Resolveu, então, em vez de só ouvir falar conferir o que estava acontecendo. Assim, em Outubro de 1906, Noorman deixou a China rumo a Los Angeles. Ali, certificou-se de que Azusa se tratava mesmo de obra divina, então, clamou pelo batismo no Espírito Santo, recebendo-o. De volta à China, os sinais se seguiram: curas divinas, milagres, batismos no Espírito Santo e muitas conversões a Cristo.

O Movimento Pentecostal chegou à Índia também devido ao Avivamento da Rua Azusa. Alguns evangélicos ali receberam notícias do que Deus estava fazendo em Los Angeles. Um deles chamado Max Wood Morehead, afirmou na época; "Se esta notícia do que Deus está fazendo em Los Angeles é verdadeira, o dom de línguas será visto na Igreja em todo o mundo, assim como hoje, em todos os lugares, os crentes já crêem em cura divina".

No mesmo ano, a missionária S. C. Easton abriu as portas para os irmãos Garr, testemunhas oculares de Azusa e batizados no Espírito Santo. Um deles conta: "Comecei a crer que eu era a pessoa que necessitava de endireitar-se, e não o evangelista." **(**Testemunho dos Séculos, Emílio Conde [CPAD]**)**. Nos anos seguintes a mensagem pentecostal espalhou-se entre os cristãos na Índia.

Na Coreia do Sul, depois da guerra entre as duas Coreias, um jovem pastor assembleiano chamado Paul Yonggi Cho, formado em teologia em um curso do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus na Coreia, foi usado por Deus para um grande avivamento naquele país, com muitos sinais, principalmente curas divinas. Hoje, a sua igreja, a Igreja do Evangelho Pleno em Seul, é uma das maiores do mundo.

Também na África o Pentecostalismo lançou raízes:

O Pentecostes chegou ao Egito em 1907. Um jovem chamado Alexander Paul, natural do Egito, boi batizado no Espírito Santo nos Estados Unidos. Quando os seus amigos cristãos no Egito receberam a notícia do que havia acontecido, pediram que alguém fosse até eles instruí-los acerca dessa bênção. O evangelista G. S. Breslford foi enviado e, com o apoio de missionários em Jerusalém que já tinham recebido o batismo no Espírito Santo, fundou o primeiro trabalho pentecostal em Assiout, no Egito.

Em 1911, foi fundado um orfanato mantido pelos irmãos pentecostais em Assiout, que atendia cerca de 700 órfãos. Em poucos anos, havia congregações também em Alexandria e Cairo, algumas com centenas de crentes.

O Movimento Pentecostal chegou ao Congo em 1915, por meio dos missionários pentecostais William Burton e James Salter. O trabalho começou na vila de Mwanza. Em dez anos, a obra desenvolveu-se tanto que, nesse período, já havia alcançado três tribos, sete estações centrais, estava com 17 missionários como auxiliares e 100 evangelistas nativos, todos batizados no Espírito Santo.

A África do Sul também recebeu a chama do Movimento Pentecostal, por meio do trabalho incansável e fervoroso de homens como o norte-americano John Lake. Dirigido pelo Espírito, ele foi para a África do Sul. Antes de morrer, voltou aos Estados Unidos, onde continuou pregando até partir para a Eternidade em 1935. Quando isso ocorreu, as igrejas sul africanas Missão de Fé Apostólica e Cristã Sião, ambas fundadas por ele naquele país, já contavam, juntas, com mais de 100 mil membros e 600 congregações na África do Sul. Nos anos 60, esse número já havia subido para mais de 120 mil. Mas é no Brasil que o movimento atinge a maior expressão:

Movimento Pentecostal no Brasil

No início do século XX, apesar da presença marcante de imigrantes europeus de origem protestante e do valoroso trabalho de missionários de igrejas evangélicas tradicionais dos Estados Unidos, o nosso país era ainda quase totalmente católico romano. Foi só com o advento do Movimento Pentecostal que aconteceu uma explosão de crescimento do Evangelho no Brasil. O avanço da evangelização do nosso país deve-se, sem dúvida, ao pentecostalismo, e especialmente à sua vertente mais tradicional, a Assembléia de Deus.

A origem das Assembléias de Deus no Brasil está intimamente ligada ao reavivamento espiritual que varreu o mundo no início do século XX, encetado na América do Norte, e que teve como seu maior expoente o Avivamento da Rua Azusa.

História das Assembléias de Deus no Brasil


Gunnar Vingren

Como Tudo Começou: Enquanto o avivamento pentecostal expandia-se e dominava a vida religiosa de Chicago, na cidade de South Bend, no Estado de Indiana, que fica a cem quilômetros de Chicago, morava um pastor batista que se chamava Gunnar Vingren. Atraído pelos acontecimentos do avivamento de Chicago, o jovem foi a essa cidade a fim de saber o que realmente estava acontecendo ali. Diante da demonstração do poder divino, ele creu e foi batizado com o Espírito Santo.

Pouco tempo depois, Gunnar Vingren participou de uma convenção de igrejas batistas, em Chicago. Essas igrejas aceitaram o Movimento Pentecostal. Ali ele conheceu outro jovem sueco que se chamava Daniel Berg. Esse jovem também fora batizado com Espírito Santo. Ambos eram de origem sueca e membros da igreja batista em seu país, havendo emigrado para a América em épocas diferentes.

Ali, não somente tomaram conhecimento do avivamento pentecostal, mas receberam-no individualmente de modo glorioso. Posteriormente, já amigos e buscando juntos o Senhor, receberam Dele a chamada missionária para o Brasil. Através de uma revelação divina, o lugar tinha sido mencionado: Pará. Nenhum dos presentes conhecia aquela localidade. Após a oração, os jovens foram a uma biblioteca à procura de um mapa que lhes indicasse onde o Pará estava localizado. Foi quando descobriram que se tratava de um estado do Norte do Brasil. Era uma chamada de fé, pois para eles, era um lugar totalmente desconhecido.



Rumo ao Brasil: Gunnar Vingren e Daniel Berg despediram-se da igreja e dos irmãos em Chicago. A igreja levantou uma coleta para auxiliar os missionários que partiam. A quantia que lhes foi entregue só deu para a compra de duas passagens até nova Iorque. Quando lá chegassem, eles não saberiam como conseguir dinheiro para comprar mais duas passagens até o Pará. Porém, esse detalhe não os abalou em nada, nem os deteve em Chicago à espera de mais recursos. Tinham convicção de que haviam sido convocados por Deus. Portanto, era da total responsabilidade de Deus fazer com que os recursos materiais inexistentes necessários à viagem surgissem.

Chegaram à grande metrópole, Nova Iorque, sem conhecer ninguém, e sem dinheiro para continuar a viagem. Os dois missionários caminhavam por uma das ruas da cidade, quando encontraram um negociante que conhecia o jovem Gunnar. Na noite anterior, enquanto em oração, aquele negociante sentira que devia certa quantia ao irmão Vingren. Pela manhã, aquele homem colocou a referida importância em um envelope para mandá-la pelo correio, mas enquanto estava caminhando para executar aquela tarefa, viu os dois enviados do Senhor surgirem à sua frente. Surpreso ao ver a maneira especial como Deus trabalhava, o comerciante contou-lhes sua experiência e entregou-lhe o envelope. Quando o irmão Vingren abriu o envelope, encontrou dentro dele 90 dólares - exatamente o preço de duas passagens até o Pará.

Assim, no dia 5 de novembro de 1910, os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren deixaram Nova Iorque abordo do navio "CleMent" com destino à Belém do Pará. No início do século XX, apesar da presença de imigrantes alemães e suíços de origem protestante e do valoroso trabalho de missionários de igrejas evangélicas tradicionais, nosso país era quase que totalmente católico.

A Chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg no Brasil

No dia 19 de novembro de 1910, em um dia de sol causticante, os dois missionários desembarcaram em Belém. Quando Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém, ninguém poderia imaginar que aqueles dois jovens suecos estavam para iniciar um movimento que alteraria profundamente o perfil religioso e até social do Brasil.

Não possuíam eles amigos ou conhecidos na cidade de Belém. Não traziam endereço de alguém que os acolhessem ou orientasse. Carregando suas malas, enveredaram por uma rua. Ao alcançarem uma praça, sentaram-se em um banco para descansar; e aí fizeram a primeira oração em terras brasileiras. Seguindo a indicação de alguns passageiros com os quais viajaram, os missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg hospedaram-se num modesto hotel, cuja diária completa era de oito mil réis. Em uma das mesas do hotel, o irmão Vingren encontrou um jornal que tinha o endereço do pastor metodista Justus Nelson. No dia seguinte, foram procurá-lo, e contaram-lhe como Deus os tinha enviado como missionários para aquela cidade. Como Daniel Berg e Gunnar Vingren estivessem até aquele momento ligados à Igreja Batista na América (as igrejas que aceitavam o avivamento permaneciam com o mesmo nome), Justus Nelson os acompanhou à Igreja Batista, em Belém, e os apresentou ao responsável pelo trabalho, pastor Raimundo Nobre. E, assim, os missionários passaram a morar nas dependências da igreja. Alguns dias depois, Adriano Nobre, que pertencia à igreja presbiteriana e morava nas ilhas, foi a Belém em visita ao primo Raimundo Nobre. Este apresentou os missionários a Adriano, que imediatamente mostrou-se interessado em ajudá-los a aprender falar o português. Passado um determinado tempo eles já podiam falar português. Vingren continuou a estudar a língua, enquanto Daniel trabalhava como fundidor. Passado algum tempo, Berg começou a dedicar-se ao trabalho de colportogem.

O Movimento Pentecostal começa a queimar os Corações Brasileiros

Os jovens missionários tinham o coração avivado pelo Espírito Santo, e oravam de dia e de noite. Oravam sem cessar. Esse fato chamou a atenção de alguns membros da igreja, que passaram a censurá-los, considerando-os fanáticos por dedicarem tanto tempo à oração. Mas isso não os abalou. Com desenvoltura e eloqüência, continuaram a pregar a salvação em Cristo Jesus e o batismo com o Espírito Santa, sempre alicerçada nas Escrituras.

Todavia, como resultado daquelas orações, alguns membros daquela Igreja Batista creram nas verdades do Evangelho completo que os missionários anunciavam. Os primeiros a declararem publicamente sua crença nas promessas divinas foram as irmãs Celina Albuquerque e Maria Nazaré. Elas não somente creram, mas resolveram permanecer em oração até que Deus as batizasse com Espírito Santo conforme o que está registrado em Atos 2.39.

Numa quinta-feira, uma hora da manhã de dois de junho de 1911, na Rua Siqueira Mendes, 67, na cidade de Belém, Celina de Albuquerque, enquanto orava, foi batizada com o Espírito Santo. Após o batismo daquela irmã começaria a luta acirrada. Na Igreja Batista alguns creram, porém outros não se predispuseram sequer a compreender a doutrina do Espírito Santo. Portanto, dois partidos estavam criados.

A nova (antiga, Atos 2) doutrina trouxe muita divergência. Enquanto um grupo aderiu, outro rejeitou. Devido a este movimento pentecostal, Daniel Berg e Gunnar Vingren e mais 17 simpatizantes foram expulsos daquela Igreja Batista, no dia 13 de junho de 1911.

Na mesma noite da expulsão, ao chegarem à casa da irmã Celina, na Rua Siqueira Mendes, 67, os irmãos resolveram passar a se congregar ali, o que normalmente foi feito pelo espaço de mais ou menos três meses, com cultos dirigidos pelo missionário Vingren e pelo irmão Plácido. Daniel Berg pouco falava por ainda estar atrasado no aprendizado da língua.

A Fundação da Primeira Assembléia de Deus

Assim surgiu a necessidade de que o trabalho fosse organizado como igreja, o que se deu a 18 de junho de 1911, quando por deliberação unânime, foi fundada a Assembléia de Deus no Brasil, tendo em Daniel Berg e Gunnar Vingren os primeiros orientadores.

O termo Assembléia de Deus dado a denominação não tem uma origem definida, entretanto sugere-se estar ligado as Igrejas que na América do Norte professam a mesma doutrina e recebem a designação de Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Sobre a questão, é aceitável o seguinte testemunho do irmão Manoel Rodrigues: Estou perfeitamente lembrado da primeira vez que se tocou neste assunto. Tínhamos saído de um culto na Vila Coroa. Estávamos na parada do bonde Bemal do Couto, canto com a Santa Casa de Misericórdia. O irmão Vingren perguntou-nos que nome deveria dar-se a Igreja, explicando que na América do Norte usavam o termo Assembléia de Deus ou Igreja Pentecostal. Todos os presentes concordaram em que deveria ser Assembléia de Deus.

Em 11 de Janeiro de 1968 a denominação foi registrada oficialmente como pessoa jurídica. Com o nome de Assembléia de Deus. A Assembléia de Deus no Brasil se expandiu pelo Estado do Pará, alcançou o Amazonas, propagou-se para o Nordeste, principalmente entre as camadas mais pobres da população. Chegou ao Sudeste pelos idos de 1922, através de famílias de retirantes do Pará, que se portavam como instrumentos voluntários para estabelecer a nova denominação aonde quer que chegassem. Nesse ano, a igreja teve início no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, e ganhou impulso com a transferência de Gunnar Vingren, de Belém, PA, em 1924, para a então capital da República. Um fato que marcou a igreja naquele período foi a conversão de Paulo Leivas Macalão, filho de um general, através de um folheto evangelístico. Foi ele o precursor do assim conhecido Ministério de Madureira.

A influência sueca teve forte peso na formação assembleiana brasileira, em razão da nacionalidade de seus fundadores, e graças à igreja pentecostal escandinava, principalmente a Igreja Filadélfia de Estocolmo, que, além de ter assumido nos anos seguintes o sustento de Gunnar Vingren e Daniel Berg, enviou outros missionários para dar suporte aos novos membros em seu papel de fazer crescer a nova Igreja. Desde 1930, quando se realizou um concílio da igreja na cidade de Natal, RN, a Assembléia de Deus no Brasil passou a ter autonomia interna, sendo administrada exclusivamente pelos pastores residentes no Brasil, sem contudo perder os vínculos fraternais com a igreja na Suécia. A partir de 1936 a igreja passou a ter maior colaboração das Assembléias de Deus dos EUA através dos missionários enviados ao país, os quais se envolveram de forma mais direta com a estruturação teológica da denominação.

As Perseguições

A fundação da Assembléia de Deus repercutia profundamente entre as várias denominações. O medo que a Assembléia de Deus viesse a absorver as demais denominações fez com que estas se unissem para combater o movimento Pentecostal.

No ano de 1911, em Belém, alguns se dispuseram a combater o Movimento Pentecostal em seu nascedouro. Para alcançarem esse intento, não escolhiam os meios: calúnia, intriga, delação e até agressão física. Tudo era válido. Chegaram, inclusive, a levar aos jornais a denúncia de que os pentecostais eram uma seita perigosa, tendo com prática o exorcismo. Enfim, alarmaram a população. A matéria no jornal A Folha do Norte, todavia, acabou por atrair numerosas pessoas para os cultos da nova igreja. Não poderia haver propaganda melhor.

A Chegada em São Paulo

Em 15 de novembro de 1927, por direção divina, chegava na capital de São Paulo o abençoado casal Daniel Berg e sua esposa Sara, para aqui semearem a boa semente do evangelho de Jesus. O primeiro culto nesta cidade foi realizado na mesma data em uma casa alugada na Vila Carrão, um bairro distante do centro da cidade. Este culto teve a participação do casal de missionários suecos, Simon Lundgren e Linnea Lundgren, e é a data oficial da fundação da igreja.

Orando muito, eles prosseguiam com as reuniões. Porém, aos poucos, a vizinhança começou a tomar conhecimento dos cultos. Certo dia, quando estavam orando e cantando, uma senhora bateu à porta e convidaram-na para entrar. Perguntou-lhes se eram crentes, e eles responderam afirmativamente. Esta mulher contou-lhes que havia se convertido na Assembléia de Deus de Maceió, vindo depois para São Paulo. Em sua casa, vinha por muito tempo, com lágrimas, pedindo ao Senhor Jesus para que enviasse um servo seu para desenvolver a sua obra na cidade de São Paulo. O casal Berg compreendeu imediatamente que fora pelas orações desta irmã que o Senhor lhes enviara à capital paulista. Na família da mesma, haviam pessoas que estavam sedentas de salvação, que aceitaram o Evangelho com muita alegria. Muitos vizinhos começaram também a participar das reuniões, recebendo de bom grado a Palavra do Senhor e a Cristo como seu Salvador.

Alguns dias depois, um grupo de crentes que haviam saído de outra denominação **(**discordância doutrinária**)**, passaram para a nova igreja. Entre eles estavam: Ernesto Ianone e a sua esposa Josefina; Vitaliano Piro e esposa; José Piro e esposa Elvira; Filomena Salzano e seus filhos Miguel e Luiz Salzano. Ainda faziam parte deste grupo, familiares da irmã Regina Antunes, de saudosa memória, que em fevereiro de 1989 passou para a eternidade: sua mãe Angelina Augusta Barretta e seu irmão Pedro Barretta Hallepian. Nascia assim a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, do Ministério do Belém, que hoje já reúne cerca de 2.000.000 de membros, e que teve como seus pastores: Daniel Berg, Samuel Nystron, Samuel Hedlund, Simon Lundgren, Francisco Gonzaga da Silva, Bruno Skolimovski, Cícero Canuto de Lima, e o atual pastor José Wellington Bezerra da Costa.

Sempre houve, no meio do povo de Deus, um remanescente fiel, mesmo em meio ao obscurantismo de uma cúpula que, notadamente após a liberalização do culto cristão pelo Império Romano, permitiu a entrada do paganismo na Igreja e promoveu uma frieza espiritual.

Este remanescente, de tempos em tempos, era despertado pelo Espírito Santo e movimentos espirituais ocorriam, levando as pessoas a uma vida de maior intensidade na presença de Deus, uma vida de maior dedicação e de pregação da genuína Palavra de Deus. Era o verão do Israel de Deus, onde havia pouquíssimas chuvas e quando as havia, de curta duração. No entanto, enquanto isto se dava, havia a preparação para a formação de uma safra substanciosa, que será colhida pelo Senhor antes do grande e terrível dia. Jl 2.28-31.

Esta realidade histórica já havia sido revelada pelo Senhor Jesus, quando ditou as Suas cartas para as igrejas da Ásia, ao apóstolo João, que se encontrava preso na ilha de Patmos por causa da Palavra do Senhor. Apoc 1.9,19,20. Com efeito, quando nos deparamos com as cartas às igrejas da Ásia, vemos que elas dizem respeito às "coisas que são", que correspondem à segunda parte do livro do Apocalipse (capítulos 2 e 3), ou seja, ao período da dispensação da graça, ao tempo da Igreja sobre a face da Terra.

Estas igrejas estavam estabelecidas em sete cidades diferentes, mas, eram cidades vizinhas, numa área de aproximadamente 250 km entre as mais distantes (Pérgamo e Laodicéia). A região incluída seria apenas um canto de um estado brasileiro.

Eram sete igrejas, uma próxima à outra, mas cada uma com a sua própria personalidade e suas características diferentes. Nestas cartas encontramos igrejas menos de 50 km distantes com contrastes enormes em atitudes e ações. Os efésios se mostraram fortes em doutrina e fracos em amor. Os irmãos de Esmirna foram materialmente pobres e espiritualmente ricos. A igreja de Pérgamo resistiu às perseguições, mas tolerava a falsa doutrina de Balaão. A de Tiatira era uma igreja muito ativa, mas que não tirou a má influência de uma mulher imoral e idólatra. Entre a igreja quase morta em Sardes e a congregação morna em Laodicéia, encontravam-se os irmãos perseverantes e fiéis em Filadélfia.

Alguns teólogos costumam dividir o livro do Apocalipse em sete partes, mas a sabedoria divina o dividiu em apenas três, a saber:

1. As Coisas que tens Visto. É a primeira das três divisões deste livro. É, sem dúvida, a menor das três partes deste compêndio divino: um capítulo apenas! Também pela duração dos acontecimentos a que se refere.

2. E as que São. Esta se refere à segunda parte do livro. De exposição, pouco mais extensa em conteúdo (capítulos 2 e 3). No que diz respeito ao tempo, é o mais longo período: abrange ensinos para a vida inteira da Igreja desde os primitivos tempos, e como lição tem servido durante toda a dispensação da Graça, até o momento do arrebatamento.

3. E as que depois destas (das duas primeiras**)** hão de acontecer. A terceira parte é essencialmente futurística, vai do capítulo 4 a 22. "Porém os fatos decorrerão com rapidez e as profecias que terão lugar neste tempo, sofrerão uma reação em cadeia e se cumprirão sucessivamente…".

Em todos os períodos identificados pelo Senhor **(**pois cada igreja, nesta perspectiva histórico-profética, fala-nos de um período da história da Igreja**)**, temos sempre a presença de um remanescente fiel ao Senhor, bem como a ação contínua do Espírito Santo a avivar estes servos fiéis. Assim:

A Igreja de Éfeso (correspondente ao período apostólico, até por volta do ano 100**)** – uma igreja que nasce avivada, mas vai perdendo o "primeiro amor".

A Igreja de Esmirna (correspondente ao período pós-apostólico, mas de perseguições por parte de Roma, por volta do ano 100 até por volta de 315**)** – uma igreja que, apesar da presença dos integrantes da "sinagoga de Satanás", tem riqueza espiritual e é fiel até a morte.

A Igreja de Pérgamo (correspondente ao período da liberdade de culto por parte de Roma e início da paganização, por volta de 315 até por volta de 600, com a instituição do Papado**)** – uma igreja que se mantém fiel apesar de habitar onde está o trono de Satanás, ainda que já sofrendo a infiltração da doutrina de Balaão, da idolatria e dos nicolaítas.

A Igreja de Tiatira (correspondente ao período que vai por volta de 600 até a Reforma Protestante**)** – uma igreja se mantém fiel, apesar da tolerância que há com "Jezabel", com a idolatria e com as profundezas de Satanás.

A igreja de Sardes (correspondente ao período que vai da Reforma Protestante até o século XIX**)** uma igreja fiel em meio a uma igreja que está espiritualmente morta, alheia à volta de Cristo.

A Igreja de Filadélfia (correspondente ao período que vai do século XIX até o arrebatamento da Igreja**)** – a igreja fiel é despertada, evangeliza todo o mundo e é poupada da Grande Tribulação.

A Igreja de Laodicéia (correspondente ao período que vai do século XIX até o arrebatamento da Igreja**)** – a igreja apóstata ou paralela, concomitante a igreja de Filadélfia, mas que, em vez de se despertar, prefere confiar na sua auto-suficiência e na sua história, cujo final será trágico: ser vomitada pelo Senhor, perdendo a chance de ser poupada da Grande Tribulação.

Portanto, não houve período da história da Igreja em que não tenha existido um remanescente fiel, remanescente este que, por ter o Espírito Santo nele, vez por outra, como as "chuvas escassas e rápidas" do verão da Palestina, manifestaram-se em avivamentos que passaram a ser cada vez mais intensos a partir do século XVIII, culminando no avivamento do início do século XX, que indica o início da "chuva serôdia", do derramamento intenso do Espírito Santo antes da volta do Senhor. Tem fundamento a doutrina pentecostal quando ensina que as Escrituras nos mostram que o avivamento da Igreja é contínuo, jamais foi interrompido desde o dia de Pentecostes do ano 30, embora esteja determinado que se intensifique, como está intensificado nos últimos cem anos, na proximidade da volta .

Capitulo III

A Doutrina Pentecostal

A doutrina pentecostal não é uma inovação, nem uma novidade, mas é algo que está presente na Igreja desde o seu primeiro dia de manifestação ao mundo, ou seja, o dia de Pentecostes, pois é algo que está na Palavra de Deus e, sabemos todos, que esta Palavra não muda, nem jamais mudará. Sl 33.11; Mt 24.35; Lc 21.33; I Pe 1.23,25.

Alguém comentou certa vez que o pentecostalismo é um movimento à procura de uma teologia, como se não estivesse ele radicado à interpretação bíblica e à doutrina cristã. As pesquisas sobre o desenvolvimento histórico e teológico das crenças pentecostais têm revelado, contudo, uma tradição teológica bem elaborada. O Pentecostalismo conquanto possua muita coisa em comum com as outras denominações evangélicas, apresenta um vívido testemunho da obra do Espírito Santo na vida e na missão da Igreja.

Para uma compreensão, com profundidade, da doutrina pentecostal, há a necessidade de se entender os princípios, os conceitos denominados de pentecostal, ou, pentecostalismo. Com relação ao termo pentecostalismo, ele é originário de Pentecostes, festa comemorada pelos judeus 50 dias após a Páscoa em comemoração à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, (At 2.1-4), daí a atribuição do nome pentecostalismo. No que diz respeito a nossa concepção, compreendemos por pentecostais aqueles religiosos que dão ênfase ao "… batismo do Espírito Santo, que se manifesta na vida do crente através de uma mudança de orientação pessoal (santificação) e mais concretamente pela capacidade de falar em línguas estranhas, ou seja, glossolalia".

Portanto, a essência do pentecostalismo consiste não só em crer que Deus continua a atuar como nos tempos apostólicos, como também ter a mesma espiritualidade daquela época. a doutrina pentecostal é, caracterizada não só pela crença de que o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, além dos demais sinais confirmadores da Palavra, são uma realidade para os nossos dias, mas uma experiência prática destas manifestações na vida de cada crente e de cada igreja local, devendo assim continuar até que o Senhor nos venha buscar.

Fundamentos da Teologia Pentecostal

Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29.

Cremos na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão. II Tm 3.14-17.

Cremos na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus. Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9.

Cremos na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus. Rm 3.23 e At 3.19.

Cremos na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus. Jo 3.3-8.

Cremos no perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor. At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9.

Cremos no batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo. Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12.

Cremos na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo. Hb 9.14 e I Pe 1.15.

Cremos no batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade. At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7.

Cremos na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade. I Co 12.1-12.

Cremos na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatar a sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos. I Ts 4.16. 17; I Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5.

Cremos que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra. II Co 5.10.

Cremos no juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis. Ap 20.11-15.

Cremos e na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis. Mt 25.46.

Que a santa Palavra de Deus possa fazer de nós cristãos maduros, que defendam a fé genuína, e não se deixam levar por quaisquer ventos de doutrina, não podemos esquecer:

- Sola fide (somente a Fé);
- Sola scriptura (somente a Escritura);
- Solus Christus (somente Cristo);
- Sola gratia (somente a graça);
- Soli Deo gloria (glória somente a Deus).

Capitulo IV

Principais Grupos Evangélicos no Brasil

O protestantismo chegou a terras brasileiras com a invasão holandesa (1624-25). Os invasores trouxeram consigo a fé reformada e a espalharam-na principalmente entre os índios. De um inicio não tão expressivo devido à repressão católica que não admitia outra fé a não ser a implantada pelo catolicismo. As igrejas protestantes desde então, vem sendo no Brasil, mais do que em qualquer outro lugar, um fenômeno religioso que desperta o interesse dos peritos nessa área, devido ao vertiginoso e acelerado crescimento nas últimas décadas, que coloca o Brasil como segundo país no mundo em número de protestantes, só ficando atrás dos Estados Unidos. Basicamente são três as ramificações que se apresenta no meio Protestante:

I. Os Tradicionais

- Luterana: fundada por Martinho Lutero (1517)
- Anglicana: Fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII (1534)
- Presbiteriana: Fundada por João Calvino (1549)
- Batista: Fundada por John Smith (1609)
- Metodista: Fundada por John Wesley (1740).

II. Os Pentecostais

- Congregação Cristã no Brasil: Fundada por Louis Francescon (1910)
- Assembléia de Deus: Fundada por Gunnar Vingren e Daniel Berg (1911)
- Igreja do Evangelho Quadrangular: Fundada por Aimee S. McPherson (1950)
- O Brasil para Cristo: Fundada por Manoel de Melo (1955)
- Deus é Amor: Fundada por David Miranda (1962).

III. Os Neopentecostais

- Igreja Universal do Reino de Deus: Fundada por Edir Macedo (1977)
- Igreja Internacional da Graça de Deus: Fundada por R. R. Soares (1980)
- Sara Nossa Terra: Fundada por Robson Rodovalho (1980)
- Renascer em Cristo: Fundada por Estevan Hernandez (1986).

Igrejas Tradicionais

Compreende principalmente as chamadas igrejas históricas que tiveram origem no início da Reforma Protestante ou bem próximo dela. Igrejas que resultaram da obra teológica de João Calvino (1509-1564), Ulrico Zwínglio (1484-1531), João Knox (1513-1572) e outros reformadores, e que adotaram a forma presbiteriana de governo eclesiástico. Distinguem-se dos outros ramos da Reforma: luteranos, anglicanos e anabatistas. No continente europeu foi adotado o nome Igreja Reformada (Suíça, França, Holanda, etc.) e nas Ilhas Britânicas e América do Norte (Escócia, Irlanda, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos), Igreja Presbiteriana.

Doutrinariamente, as Igrejas Reformadas adotam, entre outras, as definições aprovadas pelo Sínodo de Dort (1618-1619) e pela Assembléia de Westminster (1643-49). Além dos princípios aceitos pelos protestantes em geral (Escrituras, Cristo, graça, fé, sacerdócio universal), o sistema calvinista dá ênfase à plena soberania de Deus na criação, providência e redenção.

Igrejas Pentecostais

Compreende as igrejas que tiveram inicio no reavivamento nos Estados Unidos entre (1906-1910). As reuniões eram eletrizantes e barulhentas na Rua Azusa 312 (perto do centro de Los Angeles EUA), começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas não resistiam e caiam prostradas.

Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multi-racial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus. A liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. Um artigo do jornal A Fé Apostólica, fundado por Seymour, dizia no número de novembro de 1906: "Nenhum instrumento que Deus possa usar é rejeitado por motivo de cor, vestuário ou falta de cultura". Outro artigo informava que em um culto de comunhão que durou toda a noite havia pessoas de mais de vinte nacionalidades. Uma frase comum na época dizia que "a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue". Diante da longa e terrível história de racismo e segregação nos Estados Unidos, esse fato só podia deixar maravilhado os participantes e observadores do avivamento, que viam nisso mais uma prova de que o movimento vinha de Deus.

Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram. Este mover se espalhou e se tornou um fenômeno internacional e mundial a partir de 1906.

O Brasil foi alcançado ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembléias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos. A Assembléia de Deus foi a que mais se expandiu, tanto numérica quanto geograficamente. A Congregação Cristã, após um período em que ficou limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar sua sobrevivência por meio do trabalho entre os brasileiros. É interessante o fato de que, quando chegaram os primeiros pentecostais, todas as denominações históricas já haviam se implantado no país: anglicanos, luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Todavia, o seu crescimento havia sido modesto.

Na década de 50 e início dos anos 60, surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos também ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas de modo especial para a cura divina.

Igrejas Neopentecostais

Um outro momento que merece registro aconteceu na segunda metade dos anos 70 com o surgimento das igrejas denominadas "neopentecostais", fundadas por brasileiros como a Igreja Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977); a Igreja Internacional da Graça de Deus (Rio de Janeiro, 1978); a Renascer em Cristo (São Paulo, 1986) e a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Brasília, 1992) estão entre as principais. Utilizam intensamente a mídia eletrônica e aplicam técnicas de administração empresarial, com uso de marketing, planejamento estatístico, análise de resultados etc. Também são mais liberais em questões de costumes.

Além das grandes denominações pentecostais, existem hoje milhares de "ministérios independentes" ou novas denominações surgindo anualmente no Brasil e no mundo.

Paralelamente ao Pentecostalismo, várias denominações protestantes tradicionais experimentaram movimentos internos, com manifestações pentecostais. Assim foram denominados "Renovados", como a Igreja Presbiteriana Renovada (originária da IPB), Convenção Batista Nacional (originária da CBB), Igreja do Avivamento Bíblico (originária da IMB) e a Igreja Cristã Maranata (originária também da IPB).

Vale lembrar que o Neopentecostalismo apesar do seu crescimento impressionante, tem gerado muitos "nômades da fé" devido sua a decepção. Ao decepcionar-se numa igreja, o crente vai em busca de outra. Nas grandes cidades, há um contingente significativo de evangélicos que circulam, constantemente, de igreja em igreja, constituindo o fenômeno que os sociólogos chamam de "trânsito religioso". Eles buscam respostas imediatas aos problemas, "uma vez que vivemos na era da velocidade. Se as respostas não chegam rápido, o sujeito procura uma nova igreja".

E o que essas pessoas que são atraídas às igrejas neopentecostais buscam? Que fiquem ricas, sejam curadas de todo tipo de doença e que todos os seus problemas sejam resolvidos, desde a falta de dinheiro até a falta de emprego. Essas são promessas da teologia da prosperidade, que propõe banir a pobreza, a doença.

O problema não está na prosperidade, mas na teologia. Para a teologia da prosperidade, o crente "deve morar em mansão, ter carrões, muito dinheiro e nunca ficar doente. Quando isso não acontece, é porque ele está sem fé, em pecado ou debaixo do poder de Satanás".

Um outro fator preocupante é que hoje em dia, as pessoas na igreja funcionam na base da emoção, e não pela reflexão. A teologia da prosperidade e todo esse clima de emoção têm forte apoio na mídia, um instrumento que as igrejas neopentecostais sabem trabalhar muito bem. Na avaliação do Pastor Paulo Romero o fator principal que garante a sobrevivência do movimento neopentecostal é o seu investimento pesado na mídia e o seu sucesso em colocar a igreja no mercado e as políticas do mercado na igreja. Isso ainda vai durar algum tempo, representando crescimento dos principais grupos neopentecostais no Brasil. Mas não têm mais o mesmo ímpeto que tinha no passado "na medida em que os adeptos vão se decepcionando com a mensagem e a falta de ética de alguns segmentos neopentecostais, haverá uma volta à Bíblia".

Capitulo V

Rejeição ao Pentecostalismo

O Movimento Pentecostal é desde seu início, tratado como um movimento sem doutrina, sem fundamentação teológica e os pentecostais são tachados de antiintelectuais. Esses críticos fizeram e ainda fazem uma análise muito superficial sobre o pentecostalismo. São pessoas que não conhecem a história e a estrutura doutrinária dos pentecostais, assim generalizam, classificando o Pentecostalismo com algo sem fidelidade à Palavra de Deus.

O credo doutrinário das Assembléias de Deus (por exemplo), não foge em nada das declarações de fé que foram estruturadas na história da igreja. Os críticos do Pentecostalismo, normalmente cessassionistas, desconhecem a estrutura teológica do Pentecostalismo Clássico. Em suas análises cometem erros injustos com os pentecostais. Os erros mais comuns são:

a) confundem pentecostalismo com neopentecostalismo;
b) usam frases heréticas de pastores famosos como se fosse doutrina pentecostal;
c) não procuram livros teológicos de pentecostais para analisarem;
d) costumam sempre generalizar.

É claro que sempre existirá pessoas que pregam doutrinas erradas no meio pentecostal, mas esse fato acontece até mesmo no meio reformado ou histórico. Ou já se esqueceram que no começo do século XX, as heresias do liberalismo teológico invadiram muito dessas igrejas? Deve-se analisar a doutrina do Pentecostalismo, e não o ensino de muitos que se autodenominam pentecostais. Como lembra o pastor Claudionor de Andrade: "Infelizmente, somos confundidos, às vezes, com grupos se autodenominam pentecostais... Logo, não temos de ser equivocados como tais, assim como os outros evangélicos não devem ser identificados com as seitas que surgiram em seu meio e, hoje, são repugnados por todos os que seguem a sã doutrina."

A história mostra que os pentecostais sempre tiveram ligados ao ensino bíblico (O pentecostalismo moderno nasceu dentro de uma escola bíblica, o Instituto Bíblico Betel, com Charles Fox Parham. Parham e seus quarentas alunos, começaram a estudar sobre o Batismo no Espírito Santo em 1900. A escola tinha com objetivo um estudo aprofundando na Palavra de Deus e muita oração. Em 1° de janeiro de 1901, Agnes Ozam foi batizada no Espírito Santo e começou a falar em línguas. Um dos alunos de Paham, foi William Joseph Seymour, homem que deu notoriedade ao pentecostalismo na Rua Azuza no ano 1906. Seymour, também, abriu uma escola bíblica no Texas). As Escolas Bíblicas de Obreiro, a valorização da escola bíblica dominical e o começo (nos anos 60) da tradição de seminários teológicos no modelo norte-americano, é uma prova que o Movimento Pentecostal valoriza a teologia ortodoxa.

Todos que pretendem avaliar o pentecostalismo, deve fazê-lo com imparcialidade e examinar a história e doutrina desse grupo que tantos benefícos trouxe ao protestantismo. Os pentecostais têm história, uma sã doutrina e ainda são grandes instrumentos na defesa da fé cristã.

Capitulo VI

Antropomorfismo em Alta

O antropocentrismo é um câncer no seio da igreja. Os males que derivam deles corroem as bases teocêntricas da igreja cristã. Triste é a igreja que sucumbe aos tentáculos da secularização e relativização - dois grandes tentáculos desse terrível monstro. Lembremos da igreja nacional alemã, como foi presa por esses tentáculos vindo apoiar Hitler em suas campanhas contra os judeus, os cristãos, os negros, entre outros. Outrora, os ardis do inimigo vinham de fora dos Templos. Na atualidade, ficamos despercebidos das heresias apresentadas e o povo aplaude sem questionar. At 17.11.

Culto Cristocêntrico ou Antropocêntrico?

"Que culto é este Vosso?" Êxodo 12.26

Um crente que não fora ao culto de domingo, em uma certa igreja, perguntou a um amigo, na segunda-feira:
- Como foi o culto ontem? Foi bom?
- Não sei. Pergunte a Jesus - respondeu o amigo.
- Como assim? - retrucou o primeiro, estranhando a inesperada e aparentemente ríspida resposta.
- Não me leve a mal. Você vai ao templo cultuar a Deus ou receber bênçãos? perguntou o irmão que estivera no culto de domingo. É claro que o Senhor nos abençoa, quando estamos na presença dEle. Porém, o culto é uma reunião para os crentes receberem bênçãos, ou, antes de tudo, um momento para adorarmos a Deus na beleza de sua santidade?

Culto Antropocêntrico

O espírito pós-moderno tem levado muitos crentes à banalização do sagrado. Milhares de pessoas entram pelos umbrais da igreja evangélica, mas continuam prisioneiras de suas crendices e de seus pecados. Têm nome de crente, cacoete de crente, mas não vida de santidade. Em vez de ser instruídas na verdade, são alimentadas por toda sorte de misticismo. Em vez crescerem no conhecimento e na graça de Cristo, aprofunda-se ainda mais no antropocentrismo idolátrico, ainda que maquiado de espiritualidade efusiva.

Dentro desta cosmovisão, os céus estão a serviço da terra. Deus está a serviço do homem. Não é mais a vontade de Deus que deve ser feita na terra, mas a vontade do homem no céu. Tudo tem de girar ao redor das escolhas, gostos e preferências do homem. O bem-estar do homem e não a glória de Deus tornou-se o foco central da vida. Assim, o culto também se tornou antropocêntrico. Ele precisa ser moldado para atingir um determinado tipo de ouvinte cujo perfil deve se encaixar dentro de um público alvo escolhido pela igreja. Isso diz respeito basicamente ao tipo de música que será usado nos cultos. Os cânticos são escolhidos para satisfazer o próprio deleite.

Nesse contexto, a mensagem também precisa agradar o auditório. Ela é resultado de uma pesquisa de mercado para saber o que atrai o povo. O ouvinte é quem decide o que quer ouvir. O sermão deixou de ser voz de Deus para ser preferência do homem. Os pregadores pregam não o que o povo precisa ouvir, mas o que o povo quer ouvir. A mensagem tem que ir ao encontro, ser sensível às necessidades. Existem terminologias e assuntos que não são politicamente corretos se alguém quiser ter um "cliente" que volta.

O misticismo está tomando o lugar da verdade. A auto-ajuda está ocupando o lugar da mensagem da salvação. Assim, o homem não precisa de arrependimento, mas apenas de libertação, visto que ele não é culpado, mas apenas uma vítima. O pragmatismo pós-moderno está substituindo o genuíno evangelho.

A banalização da teologia desemboca na vulgarização da ética. Onde não tem doutrina bíblica sólida não pode haver vida irrepreensível. A teologia é mãe da ética. A ética procede da teologia. Onde a verdade é substituída pela experiência, a igreja pode até crescer numericamente, mas torna-se confusa, doente e corrompida. O povo de Deus perece quando lhe falta o conhecimento. Onde falta a Palavra de Deus o povo se corrompe. Outrossim, onde não há santidade, ainda que haja ortodoxia, o nome de Deus é blasfemado.

A banalização do sagrado é visto claramente nas Escrituras. O profeta Malaquias denunciou com palavras candentes o desrespeito dos sacerdotes em relação à santidade do nome de Deus, do culto, do casamento e dos dízimos. A religiosidade do povo era divorciada da Palavra de Deus. As coisas aconteciam, o povo vinha ao templo, o culto era celebrado, mas Deus era não honrado.

Jesus condenou, também, a banalização do sagrado quando expulsou os vendilhões do templo. Eles queriam fazer do templo, um covil de salteadores; do púlpito, um balcão de negócios; do evangelho, um produto de mercado e dos adoradores, consumidores de seus produtos.

O livro de Samuel, outrossim, denuncia esse mesmo pecado. O povo de Israel estava em guerra contra os filisteus, pensando que Deus estava do lado deles, mesmo quando seus sacerdotes estavam em pecado. Porém, quatro mil israelitas caíram mortos na batalha, porque o ativismo não substitui santidade. O povo, em vez de arrepender-se, mandou buscar a arca da aliança, símbolo da presença de Deus. Quando a arca chegou, houve grande júbilo e o povo de Israel celebrou vigorosamente a ponto de fazer estremecer o arraial do inimigo, mas uma derrota ainda mais fatídica foi imposta a Israel e trinta mil soldados pereceram, os sacerdotes morreram e a arca foi tomada pelos filisteus.

Alegria e entusiasmo sem verdade e sem santidade não nos livram dos desastres. Rituais pomposos sem vida de obediência não agradam a Deus. Deus está mais interessado em quem nós somos do que no que fazemos. Deus não aceita nosso culto nem nossas ofertas quando ele rejeita a nossa vida. Antes de Deus aceitar o nosso culto, ele precisa agradar-se da nossa vida. É tempo de examinarmo-nos a nós mesmos e voltarmo-nos para o Senhor de todo o nosso coração.

Portanto, infelizmente o culto divino, em muitas igrejas, vem sendo substituído por espetáculos e shows. Em vez da simplicidade do cenáculo, a grandiosidade dos banquetes de Assuero. A pirotecnia ofusca a glória daquele que se acha entronizado entre os querubins. E o Cordeiro de Deus tem como sucedâneo o bezerro de ouro. Púlpitos são transformados em palcos; obreiros fazem-se animadores de auditório; os santos tornam-se meros espectadores e consumistas. Se algum pecador anseia por Deus, oferecem-lhe um evangelho falso, destituído das boas novas do Calvário e sem poder para salvar. Ao invés da mensagem do arrependimento, o que nos querem empurrar é um marketing comprometido com os costumes do Egito e com a cultura de Canaã.

Culto Teocêntrico

O culto cristão tem sido ameaçado por dois inimigos perigosos. : O formalismo que sacramenta o modo de adorar a Deus, anulando um contato vital com Deus (Ex.: A igreja de Éfeso perdeu o primeiro amor, caiu no formalismo; forma externa, fachada) e uma espontaneidade excessiva que encoraja a liberdade desprezando qualquer forma criando confusão e desordem (Ex.: A igreja de Corinto que amando a liberdade perdeu a santificação).

A forma do culto deve ser o veículo adequado para conduzir o adorador a um encontro real com Deus. O ideal é juntar a forma com a expressão interna do coração, coadunando isto ao máximo, com a verdade revelada na Bíblia sobre a pessoa de Deus.

1. Culto Teocêntrico: O culto não é para agradar ao homem, mas para agradar a Deus. A adoração não tem de ser, e nem deve ser, desagradável aos adoradores. Contudo, essa adoração não pode ter como meta agradar ao homem usando como molde os seus gostos. O culto original era teocêntrico e não antropocêntrico.

2. Adoração tributada exclusivamente a Deus: De acordo com a Bíblia, a adoração está associada à idéia de culto, reverência, veneração por aquilo que Deus é (Santo, Justo, Amoroso, Soberano, Misericordioso, etc... [Sl 96.9; Ap 4.8-11; 7.11-12; 11.16-17]), ou seja, independente do que Deus faz, fez ou fará nós devemos adorá-lo pois Ele é Deus.

3. O louvor tributado a Deus: O louvor não é para agradar os participantes do culto e sim a Deus. É comum escutar a seguinte frase: o louvor foi fraco. Há algo de errado com esse sentimento, pois mostra que a pessoa estava buscando satisfação própria. (culto antropocêntrico). O louvor não é para mexer com o nosso sentimento ou esquentar o crente para a mensagem ou, muito menos, para preencher o tempo. Ele deve ser dirigido a Deus, em espírito e em verdade. O louvor é parte do culto; é para Deus. (culto teocêntrico). O autêntico louvor brota de um coração que sente gratidão, em reconhecimento a tudo quanto Deus já fez, (obra de salvação) está fazendo e fará. Ef 5.18-20.
Razões apresentadas no livro de Salmos, para louvarmos ao nosso Deus:
▪ Por sua majestade. Sl 96.6
▪ Por sua glória. Sl 138.5
▪ Por sua excelência. Sl 148.3

▪ Por sua grandeza. Sl 145.3
▪ Por sua bondade. Sl 107.8
▪ Por sua misericórdia. Sl 89.1
▪ Por sua longanimidade e veracidade. Sl 138.2
▪ Por sua salvação. Sl 18.46
▪ Por suas maravilhosas obras. Sl 89.5
▪ Por suas consolações. Sl 42.5
▪ Por seus juízos. Sl 101.1
▪ Por seu perdão. Sl 103.1-3
▪ Por sua proteção. Sl 71.6
▪ Por sua resposta às orações. Sl 28.6

3. O Adorador prostrado em adoração: Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade **(**João 4.23,24**)**. Há apenas um requisito básico que todo o participante do culto deve saber e que se resume essencialmente numa palavra: Vida. Se não há vida santa, espiritual, vida comprometida com Deus, com a igreja, com a santidade, vida no altar o espírito do verdadeiro louvor e adoração a Deus não flui nos cultos.

Adoração é um estilo de vida, tanto individualmente quanto corporativamente. Cl 3.15-16; Sl 95. Há uma expressão comum no meio pentecostal que é a expressão: "culto vivo". Todo culto a Deus tem que ser vivo, não desregrado, liberal, onde todo mundo participa, mesmo sem vida cristã reta. Digo que não há culto vivo sem vida no altar.

Mantras e Extravagâncias

Estou preocupado com duas tendências negativas, muito fortes no meio musical das igrejas brasileiras. A primeira diz respeito a nova onda da adoração extravagante. Os cantores e editores resolveram utilizar uma palavra negativa em seus cds e livros, pois ouve-se, agora, sobre adoração extravagante! Consulte qualquer dicionário e verá que a palavra extravagante não tem o mesmo sentido que lhe querem dar. O sentido dela é mais negativo que positivo! O Dicionário Português Michaelis, por exemplo, dá a seguinte definição para extravagante: 1. Que extravaga. 2. Estulto, imbecil, insano, insensato. 3. Estróina, gastador. 4. Esquipático, esquisito, singular. 5 Que anda fora do seu lugar. s m f Pessoa que tem vida irregular e dissipadora.

Eles querem dizer adoração extravasante, que se derrama, que se extravasa, como um rio que sobe pela ribanceira, ou a água que transborda do copo, etc. Eis o problema dos tradutores: dar o mesmo sentido do inglês a uma palavra em português! Não há dúvidas de que se vê muita extravagância nos cultos e reuniões da igreja, como se, para adorar a Deus tivéssemos que assumir outra personalidade. Para esses cabe bem o título de extravagantes, mas não para o verdadeiro adorador que adora a Deus em espírito e em verdade!

Porque adoração não é um momento de levantar as mãos, de se prostrar ou de coreografar, adoração é um estilo de vida que pode incluir essas coisas, mas redunda, basicamente, numa vida de devoção e de serviço! Resumindo, a maioria dos cantores e pregadores está confundindo adoração como um momento de culto, quando na realidade, adoração é um estilo de vida!

Minha segunda preocupação diz respeito aos "mantras" na maioria dos cultos de adoração. Deixe-me explicar uma coisa: Quando o adorador penetra no mundo espiritual transita entre o falso e o verdadeiro, entre o divino e o satânico, porque penetra no campo da mística ou das revelações. Três dos dons espirituais são de revelação: palavra de conhecimento, sabedoria e discernimento de espíritos, porque o que se vê e se recebe nessa área transcendem a razão; estão além do conhecimento humano, daí a necessidade do discernimento de espíritos que permite julgar a fonte do conhecimento e da sabedoria! E na adoração, a música penetra nesse campo transcendental.

Paulo aborda essa questão quanto ao orar em línguas, porque é algo tão sobrenatural que o espírito ora, mas a mente fica infrutífera! Daí que a experiência cristã é, ao mesmo tempo, mística e pragmática. Quando se ora em línguas é mística; quando se interpreta, o Espírito Santo traz a revelação ao nível do entendimento humano, porque a vida cristã não é de mistério, mas de revelação! Ele diz: "Cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente". E na adoração com música canta-se com a mente, mas também com o espírito!

Quando se canta no espírito entramos no mesmo terreno do falar em línguas - nada se entende a menos que haja interpretação! O cântico espiritual é dinâmico, melódico, tem altos e baixos e um cântico difere do outro! Em melodia e em letra. E varia de uma pessoa para outra. A questão é que o mantra e o cântico espiritual operam no mesmo terreno espiritual em que a divisa, ou fronteira entre os dois é também espiritual, tênue, imperceptível! Se o adorador não tiver discernimento poderá entrar ou ser levado pelo dirigente de adoração a cantar mantras em vez de cânticos espirituais.

E muita de nossa adoração foi invadida pelos mantras coletivos de nossos cultos, em que refrões, ou repetições, a mesma "batida" do ritmo, a repetição de sons e frases confundem-se com cânticos espirituais e não são!

Alguns dos dirigentes de adoração trazem mantras enrustidos em seus cânticos, que, ao fim deixam o adorador "prostrado", não no sentido de prostração voluntária, de quebrantamento, mas de uma adoração depressiva, compulsória, em que o lamento e dor não dão espaço a alegria e gozo. Ao fim de uma hora ouvindo-se certas melodias sentimo-nos verdadeiros trapos humanos! Seria bom que alguns dirigentes de louvor estudassem mais a fundo o poder oculto da música! A verdadeira adoração tem esse "fundo" de tristeza e quebrantamento, mas também o "pico" de gozo e alegria!. Devemos tomar cuidado em relação ao “mantra gospel”.

Capitulo VI

Os Bastidores da Pregação dos Lideres das Igrejas Modernas



Baseada em fé-fácil numa suposta salvação fácil, que produz uma vida fácil, sem crises ou conflitos com o mundo. Através de um engenhoso linguajar ora mundanizado, ora espiritualizado Fala de qualidade de vida, espiritualidade, missões, evangelismo, discipulado, orações, ministérios, etc... mas estas palavras ganham novos significados, que são estranhos a Bíblia.

A Bíblia é usada como pretexto: Porque, quando se usa Metodologia Pragmática **(**os fins justificam os meios**)** usam qualquer técnica que dão resultados garantidos e imediatos **(**especialmente as baseadas nas ciências humanistas como psicologia de marketing, sociologia**)**, e neste contexto a Bíblia entra apenas para sacramentar métodos mundanos, que violam os princípios bíblicos absolutos de "santificação do crente, separação, não conformismo e diferenciação do mundo" e assim a Bíblia é violada pela apóstata pregação moderna.

Ministrando numa época em que os ouvidos comicham: II Tim 4.3,4 Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências. E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Paulo não constrangeu Timóteo a fazer uma pesquisa de mercado/opinião, nem a fazer os desejos, o que agradasse o povo!. Ao contrário, lhe ordenou que pregasse a Palavra fiel, sistemática, paciente, e reprovantemente e deixasse-a confrontar frontalmente o espírito da época.

Mensagem Corrompida: Exemplo: em um sermão de formandos em Direito, eu ouvi um pastor da uma igreja de uma renomada denominação dizer "Cristo foi o mais sábio dos homens, pois foi ele que ensinou Mt 5.6", depois o pastor fez citações do "admirável Brecht" **(**ímpio teatrólogo alemão**)**, depois ele disse que "salvação é processo, resulta de praticar justiça", depois citou a "admirável Madre Teresa de Calcutá, que Deus a tenha", e finalizou convocando todos "ao invés de hino, cantemos, 'Amigos para Sempre', do Julio Iglesias"**)**. Tenho ouvido e lido aberrações até mesmo de pregadores e professores que se julgam a nata da ortodoxia e fundamentalismo.

Alguns pastores abandonaram sua vocação de portadores de boas novas. Assumiram novos papéis: animadores de auditórios e levantadores de fundos. O púlpito transformou-se em mero palco. A igreja, simples platéia. O clero arremedou a fama dos artistas. Com estilos de vida extravagantes e caros inebriam as multidões que também almejam galgar a celebridade.

Outros viram-se como empresários, vestiram-se como empresários e, pasme, contrataram guarda-costas armados para serem protegidos. Acham-se seqüestráveis. Os cultos já não estão centrados na máxima de João Batista – importa que ele cresça e que eu diminua. Sermões podem ser facilmente confundidos com palestras de neurolingüística. Cantores e "artistas" se atropelam querendo renome e gordos cachês. O cristianismo ocidental não conseguiu salgar, perdeu o sabor e conformou-se em ser raso.

Um Evangelho que agrada o homem mundano é antibíblico

1. O evangelho visa levar o pecador ao arrependimento e não confortá-lo, Mt 9.13.
2. O evangelho moderno não é autêntico.
   2.1. Um evangelho agradável, divertido e contextualizado a moda do dia.
   2.2. Prega uma mensagem simples e alegre e que não ofenda o ouvinte.
   2.3. Procura impressionar com testemunhos de sinais, visões e prosperidade.
   2.4. Procura usar pessoas famosas pretensamente convertidas como atração.
   2.5. Procura seduzir o ouvinte, mostrando as vantagens materiais a curto prazo.
3. A pregação moderna é Humanista, Liberal, Pragmática e Hedonista
   3.1. Humanista começa a partir dos interesses e necessidades visíveis do homem
   3.2. Liberal segue o movimento teológico que rejeitou a Bíblia como auto suficiente
   3.4. Pragmática onde os fins justificam os meios **(**o critério são resultados visíveis**)**
   3.5. Hedonista porque visa dar ao ouvinte aquilo que lhe agrada e dar prazer.
   3.6. As igrejas modernas pesquisaram o que o ouvinte moderno quer.
      3.6.1 Este é o resultado da pesquisas de marketing feitos pelas novas igrejas.
      3.6.1. Participar dos cultos de forma anônima - sem compromisso;
      3.6.2. A mensagem deve ser simples e não confrontadora, mas confortadora
      3.6.3. Que o ambiente lhe deixe sem qualquer receio.
      3.6.4. Que a pregação trate de assuntos contemporâneos e relevantes
      3.6.5. Que não lhes impões restrições a vida que tinham antes
      3.6.6. Que possam conciliar sua vida no clube social com sua vida na igreja
      3.6.7. Querem ter uma consciência tranqüila

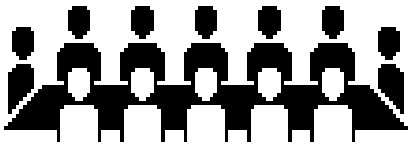
3.7. Para satisfazer seus "clientes" as igrejas se voltaram para métodos mundanos e para técnicas e estratégias:
   3.7.1. De "Comercialização" **(**Marketing - tudo para agradar ao cliente**)**
   3.7.2. De "Entretenimento" **(**Em vez do culto tradicional, um grande show**)**
   3.7.3. De "Liberalismo Ético" **(**flexibilização e relativismo, nada de radicalismo**)**
   3.7.4. De "Misticismo" **(**técnicas psicológicas e espirituais de conduzir ao êxtase**)**

3.8. Pregadores Cotonetes

Para satisfazer seus "clientes" as igrejas buscam "pregadores cotonetes"que coçam a coceira mundana dos ouvidos rebeldes. Foi assim que, parafraseando Paulo **(**II Tm 4.3**)**, o Pr. Gerson Rocha denominou, os pregadores modernos, são eles que aliviam as concupiscências e paixões irrefreáveis do novo "povo evangélico" ardente de paixões mundanas. Estes pastores e pregadores cotonetes, tomam as paixões mundanas e envernizam com um brilho religioso, dando assim, as coisas mundanas um colorido que parece cristão, porém, embora, chamem estas coisas travestidas de cristianismo de "evangélicas" e "gospel", com certeza, elas não tem nada com, o evangelho simples e puro de Cristo.

Capitulo VII

Culto que não Agrada a Deus



De acordo com Isaías 1.10-17, a maior queixa contra o povo é que este desobedecia continua e abertamente ao Senhor, mas continuava a lhe oferecer sacrifícios e ofertas, cultuando como se nada tivesse acontecido, como se fosse o povo mais santo da terra. Deus diz que aquilo era abominável **(**v.13**)**, porque ele não podia "suportar a iniqüidade associada ao ajuntamento solene". O povo vinha até a presença de Deus, cultuava mas não mudava de vida. Apresentava-se diante de Deus coberto de pecados e sem arrependimento, pensando, talvez, que bastava cumprir os rituais e tudo estaria resolvido.

Esse povo aparentemente participava com animação de todos os trabalhos religiosos, fossem festas, convocações, solenidades etc. E ainda era um povo muito dado à oração. Uma oração altamente emotiva, pois eles "estendiam as mãos" e "multiplicavam as orações" **(**v.15**)**. Mas Deus disse que em hipótese alguma ouviria, pois eram mãos contaminadas e, certamente, orações vazias. Eram hipócritas.

O culto hipócrita que foi denunciado era causado pelo apego a mera formalidade, aos ritos, sem correspondência interior. Por fora tudo estava correto, mas interiormente essas ações litúrgicas não eram expressões de um coração agradecido. Era por essa razão que aquele culto se tornava uma coisa abominável ao Senhor. Assim o Senhor condenou o povo de Israel pela boca do profeta Isaías, dizendo: "este povo se aproxima de mim e com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim, e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, que maquinalmente aprendeu..." Is 29.13.

Ou seja, o que está nos lábios é correto, mas as motivações do coração são erradas. No fundo, todas essas expressões hipócritas não passam de atos mecânicos. São invenções humanas que não se importam com a vontade de Deus. O resultado final, é que o formalismo, associado à corrupção doutrinária, produzira um tremendo desvio do Senhor e um afastamento do verdadeiro culto a Deus.

Características do culto que não agrada a Deus:

Culto que marginaliza a Bíblia: A Bíblia é usada, não como texto, mais como pretexto ou excitante das experiências emocionais e místicas da multidão; de fato, a autêntica pregação do evangelho é substituída por uma pregação água com açúcar, demagógica e mercenária, onde os aspectos radicais do evangelho são amenizados ou totalmente tirados. Em muitos casos a pregação é trocada pelos múltiplos testemunhos de curas, prosperidade, exorcismos etc.; Além, do alongamento quase interminável de cânticos, teatros, e apresentações especiais.

Culto místico: onde a fé é algo mais a ser sentido do que entendido. No misticismo perde-se o vínculo com o racional e consciente [aquilo que pode ser explicado e verbalizado] e afunda-se no inconsciente em busca do êxtase ou percepção sobrenatural, direta e especial de Deus. Isto não só leva ao fanatismo e superstição, como faz o místico ser cada vez mais valorizado, e a Bíblia cada vez menos, como única fonte de revelação divina. Sua busca psicótica **(**insana**)** por sinais, poderes miraculosos e novas revelações contemporâneas, faz da Bíblia um livro obsoleto, irrelevante. A Bíblia é trocada pelo profeta de plantão, ou pela pessoa que alega "ter comunicação sobrenatural direta com Deus, a viva voz".

Culto do descontrole emocional: As emoções literalmente explodem em gritos, urros, choro, tremores, suspiros, quedas, calafrios, delírios e em alguns casos, em histeria coletiva. Este descontrole é condenado em I Coríntios 14.32,33.

Culto Aeróbico ou Culto do Corpo: Onde o corpo vestido de acordo com a moda sensual do mundo, balança solto em coreografias nunca antes imaginadas para um templo cristão. O movimento é liberado em danças e ginásticas rítmicas e psicodélicas de grande estimulo místico e sensual, na realidade, tudo passa a ser regido pelo compasso da carne e não do Espírito. O resultado disto tudo é lastimável. O culto Bíblico deve ser uma manifestação do espírito e não do corpo. Jo 4.23-24. "Cantando e salmodiando ao Senhor em vosso coração" fala de uma devoção interior. Ef 5.19. O corpo deve ser "esmurrado" e não estimulado carnalmente. I Co 9.27; Gl 6.17.

Culto Psicológico [falsamente dito espiritual]: Onde tentam numa imitação, barata e falida da terapia de grupo mundana, e pelo soltar-se do corpo e da mente trazer extravasamento emocional e psicológico, além de satisfação e saúde psicológica, porém o resultado é patológico ou instalador de enfermidades espirituais – O adorador é levado a imaginar que deve sempre estar se sentido bem, vitorioso, e animado – quando a vida com Cristo é fraqueza, fortalecida pela graça.

No reino da graça não há lugar para o super crente, mas somente para o crente humilde e sincero, que espera confiadamente em Deus, sem ter de lhe exigir ou cobrar ou determinar nada - A saúde e força espiritual do crente não devem ser derivadas do efeito psicológico exercito pela explosão emocional de um grupo.

Culto Fabricador de Espiritualidade Sintética: O que conseguem é causar ilusão coletiva - criar uma espiritualidade emocional fantasiosa e passageira – não real, onde mesmo alguém que vive escandalosamente no pecado pode participar do louvor **(**do extravasamento ou descarrego**)** animadamente, pois a ênfase não é racional, não passa pela consciência. É um culto visceral, onde o som da batida forte da bateria e dos mais diversos tambores, junto com o balanço do corpo, faz alguns adoradores se sentirem com a consciência aliviada, e outros que exploram o lado místico sintam-se super poderosas e dotadas de grande autoridade.

Culto Existencialista: Marcado pela tensão entre a satisfação aqui - agora e a insatisfação vinda quando o novo sofre o desgaste da rotina - onde a busca pelo sentir-se sempre bem gera ansiedade e procura constante de renovação do culto e das novidades estimulantes – ainda, nesta busca frenética e desnorteante, quase tudo é válido, desde que feito em nome de Jesus.

Culto antropológico-Sincretista-Ecumênico: Embora falem muito do Espírito Santo, de culto como encontro com Deus, na realidade, a prioridade é dada ao homem, suas ansiedades, suas necessidades, o que pode lhe agradar ou ofender a sua sensibilidade cultural e psicológica. De modo que, tenta-se a quase qualquer preço reduzir ao máximo qualquer choque traumático com as culturas sociais e religiosas vigentes.

Culto do Marketing: Todo um marketing, ou pesquisa de campo para saber o que melhor agrada ao cliente-membro são feitos, tudo para que o culto seja agradável ao povão, de modo, que o templo, seja literalmente um "clubão", com direito a tudo que tem de mais moderno, em termos de massageamento psicológico do eu, levantamento neurolingüístico da auto-estima, show pirotécnico, recreação e lazer não muito longe dos padrões do mundo, etc.

Culto Espetáculo-Show: O pastor deixar de ser o pregador, para ser o animador de palco, a platéia se transforma num grande circo, ou casa de show, onde artistas bem pagos se apresentam com testemunhos, bandas e conjuntos de música gospel que tecnicamente rivalizam com os cantores do mundo e músicas criadoras de excitação de massas. O ambiente, o programa, a pregação açucarada, o ofertório, e o apelo, são montados para produzir os efeitos psicológicos previamente arquitetados.

Do ponto de vista humano, tudo parece muito gostoso e agradável, tanto que seduz e arrebanham grandes multidões. Muitas vezes são igrejas superlotadas, capazes de levantar grandes somas de dinheiro em um só culto, mas o povo não se queixa da extorsão religiosa, afinal, pagaram para ter um show que lhes agradasse, foi o tiveram, portanto, não têm do que reclamar.

Portanto, toda a dinâmica do culto nas igrejas de hoje parece ser com o objetivo de atingir o homem, enfatiza-se a experiência em detrimento da razão. Os sentimentos são supervalorizados. "Nesse sentido, a liturgia contemporânea tem sido fortemente acusada de ser um meio para se atingir as emoções".

E o que fazer para atender a classe média? Na segunda metade do século passado, surgiram os "cultos espetáculos". A idéia de púlpito ou altar cedeu lugar à de um palco. Muito diferente da solenidade do culto litúrgico. Nesse caso, a mensagem tem que ser curta, sem profundidade, e apelar para a paz interior. Entretanto, a mensagem e a doutrina são superficiais, há pouco comprometimento com padrões cristãos de conduta.

Conforme Don Hustad, professor de música religiosa no Southern Baptist Theological Seminary, nos Estados Unidos, "muitas igrejas reavivamentalistas de hoje decidiram reformular seu estilo de acordo com o que é apresentado na televisão. ... Os organizadores do culto para a superigreja estão convencidos de que devem planejar programas atrativos para os inconversos, com uma exibição de estímulo emocional igual ao que é executado por artistas profissionais do show business secular". E com ele ecoa Valdeci dos Santos: "Um dos meios pelos quais essa ênfase humanística em nosso meio se manifesta é através de nossa busca frenética por entretenimento. ... Neste contexto, o culto foi transformado em um programa e o desejo de se obter felicidade é certamente maior do que o de se obter santidade.

Capitulo VIII

Culto que Agrada a Deus

1. O culto que agrada a Deus nada tem a ver com local de culto
2. O culto que agrada a Deus nada tem a ver com forma de culto
3. O culto que agrada a Deus deve ser uma celebração. Êx 12.24-27
4. O culto que agrada a Deus contém ordem e decência. I Co 14.40
5. O culto que agrada a Deus deve edificar a todos. I Co 14.26-40
6. O culto que agrada a Deus é reverente, Ecl 5.1
7. O culto que agrada a Deus é teocêntrico. Sl 100
8. O culto que agrada a Deus é sacrificial. Rm 12.1,2
9. O culto que agrada a Deus possui uma liturgia equilibrada
   9.1. Oração. At 12.12; 16.16
   9.2. Cânticos. I Co 14.26; Cl 3.16
   9.3. Leitura e exposição da Bíblia. Rm 10.17; Hb 13.7
   9.4. Ofertas. I Co 16.1,2
   9.5. Manifestações e operações do Espírito Santo. I Co 14.26-32
   9.6. E bênção apostólica. II Co 13.13; Nm 6.23-27.

Outras Características do Culto que agrada a Deus:

Culto Racional: Rm 12.1,2. O "culto racional" transpõe a adoração para um patamar mais sublime. Considerando que o sistema sacrifical judaico exigia que o adorador oferecesse no templo um animal ou fruto, a vida no Espírito exige que o adorador se ofereça. Para os que levam algo para o altar, o ato de adoração finda quando a oferta é consumida; para os que se oferecem, o ato sacrifical é só o começo. O cristão é um "sacrifício vivo", o que significa que a adoração é transferida do templo para as ruas. Em resumo, o grau de responsabilidade pessoal é ressaltado para aquele que anda no Espírito, e não de acordo com a lei.

Portanto, devemos prestar nosso culto a Deus evitando os dois extremos: o formalismo do ritual, da liturgia seca e mecânica que impede a ação do Espírito, mas também, fugir da irracionalidade e do descomedimento, que escandaliza e impede a edificação coletiva. O primeiro consiste na rejeição de qualquer manifestação, sob o pretexto de não correr riscos e o segundo, na adoção de práticas exageradas e extra bíblica. Como evitar estes extremos? Pedro responde: "... crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", II Pe 3.18. Quem quiser crescer só na graça, fatalmente se tornará um fanático. E, quem buscar só o conhecimento, não terá como escapar da frieza espiritual.

Para crescer na graça, o caminho é sempre o mesmo: oração, jejum, consagração a Deus, bem como uma vida de piedade e santificação. Mas, para crescer em conhecimento, é preciso estudar a Palavra de Deus e, principalmente, obedecer os seus ensinamentos. Grandes avivamentos ocorridos no século passado se desviaram da vontade de Deus ou acabaram por falta de observância ao que o Santo Livro ensina sobre a autêntica operação do Espírito Santo. Quando em uma igreja se dá pouca ou nenhuma ênfase à sã doutrina, a possibilidade de surgirem expressões e manifestações estranhas é muito grande.

Avivamento Urgente

Dois obstáculos se interpõem no caminho de um autêntico e genuíno avivamento bíblico: o primeiro é a experiência mística, à parte da Bíblia, como norma de vida; o segundo, a erudição teológica, sem a unção do Espírito e sem vida consagrada.

Muitos crentes se deixam guiar por visões, revelações, sonhos e impressões subjetivas, que conduzem à confusão e ao erro. Comunidades inteiras são submetidas a cartazes em reuniões de arrebatamentos emocionais, decolando nas asas do histerismo escapista e viajando pelos continentes da ignorância da Palavra. Muitos até consultam a Bíblia, mas de forma inadequada, ignorando o texto e a exegese, e atropelando as leis da hermenêutica sagrada. Abrem-na a esmo, consultam-na como se fosse um livro mágico. Outros atribuem à Bíblia um poder exorcizante. Colocam-na aberta no Salmo 91 na cabeceira da cama para espantar os maus espíritos e proteger o lar dos aleivosos perigos. Todos esses perdem o que a Bíblia tem entre as duas capas; andam com ela, mas não a conhecem.

É preciso repudiar o fanatismo cego e o emocionalismo histérico, sem deixar de resistir o de igual forma ao teologismo estéril e ao intelectualismo frio e sem vida. Esses dois extremos, esses dois pólos opostos, embora façam muito barulho, não produzem efeitos duradouros. São trovões sem chuva. São folhas sem frutos. São aparência sem realidade. São entraves ao verdadeiro avivamento.

É preciso deixar claro que, em épocas de busca de avivamento, a igreja é renovada em seu amor à Palavra. Não há avivamento sem volta à Bíblia, sem fome da Palavra. Não há avivamento sem que a igreja tenha avidez pelas verdades eternas.

Nesses tempos de refrigério da parte do Senhor, a igreja passa a ter um santo deleite no estudo das Escrituras. Surge um novo gosto e prazer no exame da Palavra. O povo come com sofreguidão a Palavra, sorve a Palavra e transborda da Palavra. A Palavra torna-se viva nas mãos dos crentes e arde em seus corações.

A Palavra de Deus sempre foi a base para a busca do avivamento. Os avivamentos bíblicos começaram com a Palavra. Quando a Palavra é reencontrada, quando o povo passa a dar atenção aos preceitos de Deus, há humilhação, há arrependimento, há volta para Deus e vida nova com o Senhor.

O aviamento nos tempos do rei Josias começou com a leitura da Palavra. No tempo de Esdras e Neemias, foi motivado pela leitura pública das Escrituras. No vale dos ossos secos, começou quando Deus disse: "Ossos secos ouvi a Palavra do Senhor". Ezequiel 37.4.

O avivamento em Jerusalém espalhou-se do cenáculo para a multidão, quando Pedro, cheio do Espírito Santo, levantou-se para pregar a Palavra. Esparramou-se para fora de Jerusalém, quando os discípulos, perseguidos, dispersos, iam por toda parte pregando a Palavra.

O avivamento de Éfeso, que levou o evangelho a toda Ásia Menor e constrangeu o povo a abandonar as crenças vãs na deusa Diana e a se voltar para Deus, foi assim resumido: Assim a Palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente. Atos 19.20.

O extraordinário avivamento de Tessalônica foi descrito por Paulo como resultado da pregação evangélica no poder do Espírito Santo. I Ts 1.5. A igreja recebeu a Palavra e tornou-se modelo para os crentes de outras regiões (I Ts 1.6,7), e o impacto desse avivamento fez-se sentir em toda parte. Assim o descreve Paulo: Porque de vós repercutiu a Palavra do Senhor, não só na Macedônia e Acaia, mas por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma. I Ts 1.8. Todo avivamento, portanto, é logocêntrico: centrado na Palavra.

A igreja padece de raquitismo e inanição espiritual. É que temos uma geração analfabeta de Bíblia. Os crentes não amam mais a lei do Senhor com todas as forças de sua alma (Sl 119.47); não têm o seu prazer na lei do Senhor (Sl 1.3); não meditam nela de dia e de noite (Js 1.8). Os crentes lêem sobre a Bíblia, mas não lêem a Bíblia; por isso não são vivificados segundo a Palavra de Deus (Sl 119.25, 107).

Não basta ler a Palavra, é preciso ter a Palavra no coração. O coração necessita transbordar da Palavra. Sl 119.11. A palavra tem de ser o nosso alimento. Dt 8.3. Precisamos comer a Palavra e dela nossas entranhas. Ez 3.1-3. Essa Palavra tem que arder em nosso coração. Lc 24.32.

Não basta falar a Palavra de Deus, é preciso ser boca de Deus. Jr 15.19. Não basta ser um eco, é preciso ser uma voz como o foi João Batista. Lc 3.4. Não basta carregar o bordão profético como Geazí, é preciso que esse bordão tenha eficácia em nossa mão.

Não existem sermões poderosos, existem homens cheios de poder. E homens cheios de poder falam com um poder irresistível como falou Estêvão. At 6.8-10. O bordão profético nas mãos de um homem cheio de poder ressuscita mortos, como no exemplo de Eliseu. É isso que querem dizer as Escrituras quando afirmam que a Palavra de Deus na boca de Elias é verdade. I Rs 17.24.

Em épocas de avivamento a igreja não gasta tempo com banalidades, com futilidades, com conversas inúteis e com diversões frívolas. Pelo contrário, o povo volta-se para as Escrituras como aconteceu no tempo da reforma no século XVI. E quando a igreja se volta para a Bíblia, ela rejeita toda a palha que nada tem que ver com trigo. Jr 23.28-29. Ela despreza toda manipulação mística, subjetiva, carnal, e a condição política e ditatorial na igreja. Ela despreza toda espiritualidade estranha à Bíblia.

Muitos crentes buscam apenas experiências, mas não querem saber de estudar a Bíblia. Querem sensacionalismo, milagres e coisas extraordinárias, mas não estudar doutrinas. Dizem que o que importa é a luz interior, a experiência íntima, o testemunho interno do Espírito. Isso é lamentável, é desastroso.

O Espírito Santo age sempre em harmonia com a Palavra. Ele tem compromisso com as Escrituras. Ele nos instrui na Palavra; guia-nos na verdade; faz-nos lembrar a Palavra. Ele fala tudo o que tiver ouvido. Jo 16.13. Jesus disse aos saduceus: "Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus". (Mt 22.29). Avivamento sem Bíblia não é avivamento genuíno, e desemboca inevitavelmente em divisões, traumas e distorções.

A igreja apostólica, que nasceu sob o signo do avivamento, evidencia como primeira marca de uma igreja avivada a perseverança na doutrina dos apóstolos. At 2.42. O avivamento sempre passa pelo compromisso irrestrito e inegociável com a Palavra. Onde a Palavra de Deus é deixada de lado, o Deus da Palavra é rejeitado. E, quando isso acontece, a igreja se extrema para o subjetivismo, calcado em experiências e na mística, ou para o racionalismo incrédulo. Todos esses extremos são danosos e provocam desastres irreparáveis. Temos hoje no meio evangélico duas posições polarizadas, ambas perigosas, ambas desembocando em conseqüências trágicas para a igreja. De um lado, aqueles que insistem em ir além da Bíblia, desviando-se pelos intransitáveis caminhos da heterodoxia; por outro, os que ficam aquém da Bíblia, enveredando-se pelos atalhos da impiedade e da desobediência.

O liberalismo teológico foi uma tragédia para a igreja, porque ela não tem anticorpos contra o vírus do liberalismo. Quando a igreja já não aceita a Bíblia como única regra de fé e prática; já não crê na inerrância e infalibilidade das Escrituras; começa a dizer que a Bíblia não é, mas apenas contém a Palavra de Deus; que a Bíblia está cheia de mitos; não há mais esperança para ela, e a falência e a bancarrota são inevitáveis. Foi o que aconteceu nos séculos XVIII e XIX. Os teólogos liberais não jogaram as Bíblias nas fogueiras, mas jogaram o veneno mortal do racionalismo nas Escrituras.

Quando o povo perde a Bíblia como o único referencial de fé e conduta, sua ruína é iminente. O liberalismo assolou as igrejas evangélicas da Europa e da América. Grandes templos e magníficas catedrais ficaram vazios, e as vidas, ocas.

Mas o avivamento tira a Bíblia do baú, tira-a das mãos iníquas dos liberais e põe-na nas mãos do povo; e aí então ela age como espada que penetra (Hb 4.12), como fogo que queima, como martelo que despedaça (Jr 23.39), como água que purifica (Ef 5.26) e como mel que alimenta. Sl 19.10.

É tempo de a igreja voltar-se para a Palavra. É tempo de a igreja amar a Palavra. Dwight Moody, referindo-se à Bíblia, dizia: "Este livro o afastará do pecado ou o pecado o afastará deste livro". Quanto mais longe da Palavra, mais perto do pecado. Quanto mais perto da Palavra, mais longe do pecado.

Os crentes assistem por duas horas a um programa de televisão, mas exasperam-se em ouvir um sermão de quarenta minutos. A Palavra lhes dá sono e canseira. Não têm fome da Palavra. Não gostam de alimento sólido. Por isso, estão longe de experimentar uma vida cheia do espírito.

Precisamos aprender com os nossos pais puritanos. Eles gostavam de ler a Palavra; deleitavam-se em ouvir a pregação da Palavra; alimentavam-se da Palavra com avidez, e por isso tinham uma vida de poder.

Certa feita Moody procurou um hotel e ali se hospedou. Cansado, lançou-se sobre a cama, tentando conciliar o sono. Mas, de repente, seus olhos foram atraídos por um livro à cabeceira da cama. Tomou-o nas mãos e examinou-o minuciosamente. Percebeu que uma traça havia roído o livro de capa a capa. Era uma Bíblia. Moody então disse para si mesmo: "Assim como esta traça roeu este livro de capa a capa, eu também vou fazê-lo. Vou comer este livro. Vou mastigá-lo, ingeri-lo e sorvê-lo". De fato, Moody tornou-se um homem cheio da Palavra, e a História conferiu-lhe o título de maior evangelista dos últimos tempos.

George Müller foi um dos homens mais extraordinários. Ele é conhecido como o príncipe dos intercessores. Era um gigante de Deus. Era um homem afinado com o céu. Quando ele falava, dizia um amigo de Hudson Taylor, até o céu ficava em silêncio. Era um homem acostumado com os milagres de Deus. Sua vida era ordinariamente extraordinária. Ele conheceu, como ninguém, o que é viver vendo o invisível, tocando o intangível e crendo no impossível. E experimentou, como ninguém, a providência de Deus.

Müller construiu em Bristol, na Inglaterra, enormes edifícios para abrigar menores carentes, sem ter e sem pedir um centavo a quem quer que fosse. Todos os recursos ele os sacou no banco celestial. Todos os recursos ele obteve através da oração. Deus nunca mandou provisão para longos períodos. Por isso George Müller aprendeu a recolher todo dia maná fresco. Concluídas as obras, ele chegou a abrigar três mil crianças. Nunca pediu um quilo de cereal a ninguém. Pedia tudo a Deus, e na hora certa as janelas do céu abriam-se e todas as necessidades daquelas crianças eram supridas. Müller nunca teve na dispensa alimento para um mês. Ele aprendeu a depender de Deus. Cada dia era um milagre novo. Todavia, certa manhã, as mesas estavam postas para café e não havia sequer um copo de leite e nem um pão. As crianças aguardavam irrequietas a primeira refeição. Um murmúrio tomou conta do lugar. Uma expectativa amarga brotou no coração de milhares: e agora, será que Deus vai prover? Será que pode fazer alguma coisa?

Müller, sereno e confiante, ajoelhou ali mesmo, e orou: "Deus, eu te agradeço porque tu és fiel. Tu nunca falhaste. Eu te agradeço pelo alimento que estás providenciando". Quando ele terminou, a mão de Deus já estava agindo poderosamente. Em meia hora todas as crianças estavam tomando seu leite com pão. A fé em Jesus se ri das impossibilidades, vê o invisível, toca o intangível e alcança o impossível.

Certa vez perguntaram a George Müller: "Qual é o segredo da sua vida?" Por que Deus opera tantos milagres em resposta às suas orações? Ao que ele respondeu: "É que eu conheço o meu Deus. Eu já li a minha velha Bíblia cem vezes de joelho."

Quem tem intimidade com a Palavra, tem intimidade com o Deus da Palavra; e quem tem intimidade com Deus sabe o que é avivamento. Que nestes dias Deus nos dê fome não de pão, mas da Palavra. Amós 8.11.

Capitulo IX

Heresias Neopentecostal

O surgimento do neopentecostalismo no Brasil está primariamente ligado à sujeição da cultura norte-americana. No campo teológico não tem sido diferente, a Igreja acaba consumindo o que se produz nos EUA. Dentro desse contexto, segundo alguns estudiosos, está uma gama de fatores, que estão ligados à fragilidade teológica da Igreja, à vocação mística do povo brasileiro, obsessão pela praticidade e pelo utilitarismo. O "evangelho neopentecostal" volta todas as suas atenções para uma cultura de consumo e sucesso. Fp 1.15.

Por ser excessivamente tolerante o neopentecostalismo se tornou um movimento de inclusão, aceitando no seu seio todo tipo de pensamento e prática. Por ser pluralista é um movimento que agrega, sem critérios, toda nova visão que aparece, desde que a mesma venha acompanhada de uma virtual autoridade. I Jo 4.1.

Como conseqüência, estamos vivendo momentos de extrema ambigüidade no cenário evangélico brasileiro. Todo dia aparece uma "doutrina" diferente, uma nova manifestação de Deus, uma nova "gospel mania", um novo discurso, novas revelações e métodos infalíveis e únicos e vez por outra aparecem pessoas com conceitos os mais variados possíveis, que estão se transformando em doutrinas em muitas igrejas consideradas evangélicas. Vemos com pesar os resultados de uma doutrina pulverizada, uma tendência teológica, que produz muito mais insegurança e incerteza daquilo que somos no Senhor, do que uma certeza inabalável, apesar de sempre estar pregando certezas.

Infelizmente para muitas pessoas o "modismo", tem se tornado muito mais relevantes do que as verdades básicas do evangelho. Basta o anuncio de um "novo" mover do Espírito Santo, para atrair multidões de pessoas, a procura de uma nova experiência com Deus. A minha preocupação é que estas pessoas estão sendo vitimas de um evangelho desprovido da verdadeira essência espiritual.

Se você parar um instante para analisar comigo estes fenômenos, você perceberá a seriedade deste alerta. Você já percebeu quantos "modismos" apareceram no meio evangélico nestes últimos anos? O exagero é tão grande que no Mato Grosso pouco tempo atrás fizeram a grande campanha do shampoo do Sangue de Cristo para purificação da cabeça; e quem quisesse receberia a palmilha ungida para colocar no seu sapato.

Outro dia um sujeito **(**não posso chamá-lo de pregador do evangelho**)**, realizando uma campanha evangelística, pediu que o povo levasse um **"**bife**"** para igreja, é exatamente isto que você leu "um bife de carne bovina". Segundo ele através da sua oração a doença da pessoa passaria para o bife. Outro pregador eloqüentemente desafiava as pessoas a levarem terra para receber a oração da terra ungida que purificaria as suas vidas. Vivemos num período caracterizado por uma tremenda confusão doutrinária e muitos estão confusos e enganados.

Capitulo X

Três episódios e muitas Inquietações

Estranhos acontecimentos têm ocorrido em algumas reuniões neopentecostal sob a égide de um novo mover.

Primeiro Acontecimento: Preparados para a Batalha Espiritual?

A pastora Miriam Silva prometera algumas surpresas para o próximo culto. Na data marcada uma pequena multidão superlotou o seu auditório em São Paulo. Disputavam lugares até nos corredores. O ar pastoso do calor não inibia a euforia que passava de pessoa para pessoa.

Ondas de uma eletricidade emocional causavam arrepios em todos. Cantaram-se alguns hinos; todos convocando os crentes para uma batalha. De repente, as portas que ladeiam a plataforma do templo se abriram e a pastora Miriam entrou. Vinha acompanhada por alguns dos seus oficiais. Apareceu trajando um uniforme militar com camuflagem e carregando uma baioneta pendurada no cinto. Marchou até o centro, sempre rodeada de seus oficiais. Todos igualmente fantasiados. A voltagem subia a cada hino que se cantava.

De repente abriu-se mais uma porta e seis homens surgiram carregando um caixão de defuntos nos ombros. Os gazofilácios serviram de apoio para repousarem a urna funerária diante do povo. Agora o frenesi emocional misturava-se à perplexidade. Tudo se mostrava inusitado demais. A pastora Miriam sacou a baioneta e com ela em punho começou a pregar o seu sermão. Culpava a cultura romana pelos percalços da nação brasileira. Afirmou que somos pobres, vivemos no meio da violência e estacionamos em nosso desenvolvimento devido ao "espírito de Roma". "Esse espírito" continuou com a voz afetada, nos ensinou a guardar o domingo e batizar crianças. Temos que matar e esfaquear esse espírito, ele não provém de Deus.

Depois de mais de meia hora condenando o "espírito de Roma", convocou a todos no auditório a verificarem se suas próprias vidas também não estariam contaminadas com o tal espírito. Abriram o caixão e as pessoas trouxeram um papel escrito, indicando de que maneira estavam maculados por Roma. Quando se aproximavam do caixão, enxergavam-se num espelho estrategicamente colocado no lugar onde repousaria a cabeça do morto.

Depois que todos depositaram seus pedaços de papel naquele móvel sinistro, repuseram a sua tampa e esperaram o próximo movimento da pastora. Ela desceu com a baioneta em posição de ataque e logo começou a esfaquear o caixão com força. Lancetava com tanto furor que lascas de madeira voavam pelo espaço. Ao terminar com a sua coreografia, deixou claro para o seu auditório que aquilo não fora apenas uma encenação. Eles haviam presenciado um ato profético. Prometeu que depois daquele evento, Deus reverteria à sorte do Brasil.

Tire as suas próprias conclusões.

Segundo Acontecimento: Ungindo a Cidade Maravilhosa?

Roberto Pires pastoreia uma igreja no Rio de Janeiro. Certo dia, resolveu agir, indignado com a violência da cidade. Precisava fazer alguma coisa para reverter a incompetência crônica da polícia. Não cogitou ações políticas, nem imaginou um programa na igreja que melhorasse a educação cívica de seus membros.

Sequer lhe passou pela cabeça participar de manifestações ou passeatas exigindo melhor segurança pública. Os óculos teológicos e ideológicos com que enxerga a sua realidade não lhe permitem essas cogitações.

Assim, orava em um culto quando lhe veio uma idéia que considerou a mais genial de sua vida - tão genial que ele a relatou por anos. Correu para o seu escritório, abriu a Lista Telefônica e nervosamente procurou pelos "agás", queria "helicópteros". Desejava saber quanto custaria alugar um desses beija-flores mecânicos.

Anotou os valores e levou sua idéia para o culto daquela noite. "Irmãos e irmãs, Deus me deu uma visão. Preciso que vocês me ajudem a cumpri-la. Deus mandou que eu alugasse um helicóptero, colocasse um tonel de óleo dentro e ungisse a cidade do Rio de Janeiro". O auditório irrompeu em palmas, uma oferta foi levantada e o pastor Roberto Pires naquela semana embarcou no mais bizarro sobrevôo que o Rio de Janeiro já teve. Latas de óleo eram derramadas para ungirem a Cidade Maravilhosa. Respingos melados caíram sobre a avenida Rio Branco, na praia de Copacabana e sobre alguns dos morros mais violentos da cidade. Fora o inconveniente oleoso, nada aconteceu; meses depois a violência carioca recrudesceu.

Terceiro Acontecimento: Demarcando o Território?

O pastor Carlos Feijó voltou para Curitiba depois de uma semana em um seminário de batalha espiritual. A equipe que ministrou o curso ensinou-lhe a decretar sua cidade para Deus. Ali aprendeu como identificar os limites do seu município e declarar que ele pertence a Jesus Cristo.

Aprendeu mais: Se a igreja não souber reivindicar o que pertence ao Senhor, o diabo continuará com direitos legais sobre vidas, espalhando miséria. O pastor Carlos passou uma semana indignado consigo mesmo e com os outros pastores. Por anos não se aperceberam dessa imensa negligência. Foi para casa e orou. Com lágrimas rolando pelo rosto, se propôs a jejuar.

No terceiro dia do jejum veio-lhe o que também considerou uma brilhante revelação divina. Há muitos anos aprendera que tanto os leões como os lobos urinam para demarcar o seu território e impedir a invasão de outros machos. Ele precisava fazer o mesmo, como legítimo representante de Jesus – o Leão da Tribo de Judá. Naquela semana, convocou seus parceiros de ministério para saírem pela madrugada urinando em pontos estratégicos da cidade. Gastaram algumas horas na empreitada. O comboio de carros percorreu vários quilômetros com muitas paradas. Beberam litros e litros d'água; precisavam de muita urina para uma cidade tão grande.

Quarto Acontecimento: Endemoninhado?

Minha secretária anunciou que o Alexandre Souza já chegara. Pedi então que ele entrasse em meu escritório, pois queria um aconselhamento pastoral. Aproximou-se cabisbaixo e me encarou apenas de soslaio, embora apertasse minha mão com firmeza. Notei logo sua timidez. Calculei sua idade por volta dos 28 anos. Os cabelos bem aparados e penteados para a esquerda chamavam a atenção pela negritude. Pedi que Alexandre se sentasse.

Iniciei nosso diálogo procurando deixá-lo mais à vontade. Ofereci um copo d'água, que aceitou sem esboçar nenhuma emoção. Achei-o muito quieto. Pensei na dificuldade daquele aconselhamento. Imaginei que gastaria a maior parte do tempo perguntando e ouvindo meras respostas monossilábicas. Ledo engano. Logo que bebeu o primeiro gole, Alexandre me encarou e perdeu toda timidez. – Pastor, começou sem gaguejar, faço parte da igreja 'X' aqui em Fortaleza. Há dois anos estou endemoninhado. – Vim aqui porque preciso de libertação, emendou. Mostrei-me surpreso: - Endemoninhado? Você está em pleno controle de suas faculdades mentais, emocionalmente equilibrado e com um semblante tranqüilo. O que lhe leva a crer que está endemoninhado? Sua resposta me deixou ainda mais perplexo. – Todas as sextas-feiras eu vou ao culto de quebra de maldições em minha igreja e faz dois anos que eu caio tomado por demônios em todos os cultos. Pela voz não parecia indignado, apenas cansado. – O bispo põe a mão sobre minha cabeça e eu fico agoniado, tenho vontade de tirar a mão dele de cima de mim.

É nesse exato momento que acontece... – O quê? Interrompi. – Fico nervoso, com uma aflição muito grande. Quero tirar a mão do bispo de cima de mim. Acabo caindo no chão. Lá me dizem que essa aflição é demoníaca. Questionei-lhe porque o bispo não conseguia libertá-lo totalmente, já que sua possessão se manifestava semanalmente há dois anos. Explicaram-lhe que esse tipo de demônio é muito esperto. Quando o expulsavam da mente, corria para o espírito. Do espírito se escondia na vontade e da vontade pulava para a alma. Desta forma, continuava cativo mesmo já batizado e mesmo havendo terminado o seu curso sobre plenitude do Espírito Santo. Mostrei-lhe que não era possesso, apenas um inocente útil. Um joguete nas mãos dos líderes que precisavam de pessoas sugestionáveis para valorizar os cultos de libertação da sexta-feira.

Esses quatro episódios descritos são verdadeiros. Todos patéticos! Realmente aconteceram nas cidades mencionadas. Apenas os nomes e alguns detalhes são fictícios. Ilustram bem o que invade as igrejas evangélicas no Brasil. Entendo que as pessoas têm o direito constitucional de crerem, praticarem ou pregarem o que quiserem. Entretanto, não deveriam fazer em nome da fé protestante e evangélica. Muito sangue já foi derramado, muitas vidas sacrificadas e muitos missionários afadigados para que testemunhássemos tanta superficialidade. Além disso, produzem um estrago imensurável em vidas. Muita gente já perdeu a fé. Qualquer pessoa com um mínimo de senso crítico, depois que passa a euforia e o fanatismo, se sentirá envergonhada de um dia haver participado de ambientes onde imperam tantas tolices. Acabam trilhando o caminho do cinismo ou da revolta.
Protestemos, antes que só dê vontade de chorar.

Capitulo XI

Práticas Judaizantes em Igrejas Evangélicas



Os judaizantes chegavam às igrejas com o Velho Testamento "nas mãos". Isso se apresentava como um grande impacto para os cristãos. O próprio Paulo ensinava a valorização das Sagradas Escrituras. Como responder a um judeu que mostrava no Velho Testamento a obrigatoriedade da circuncisão e da obediência à lei? Além disso, apresentavam Abraão como o modelo para os servos de Deus. Os judaizantes ensinavam que a salvação dependia também da lei, principalmente da circuncisão. Segundo eles, para ser cristão, a pessoa precisava antes ser judeu **(**não por descendência, mas por religião**)**. Foi para combater as heresias judaizantes que Paulo escreveu aos gálatas e mostrou àqueles irmãos que voltar as práticas e aos cerimoniais da Lei era cair da graça. Gl 5.1-10. Algo parecido tem acontecido na Igreja brasileira nos dias atuais. Sob o slogan "Sair de Roma e voltar para Jerusalém", alguns líderes e pastores tem disseminado praticas tais como:

1. Musicas e danças judaicas nos cultos
2. Tocar de costas para a congregação
3. Uso do Shofar, para liberar unção ou invocar Deus.
4. Observância de festas Judaicas. **(**Tabernáculos, Bar Mitzivah, etc**)**
5. Uso do Kipá e Talit **(**vestimentas que os judeus usam para ir a sinagoga**)**
6. Tirar os calçados ao entrar na igreja **(**por estar pisando em lugar santo**)**
7. Vestir-se de pano de saco, **(**sinal de humilhação**)**
8. Banhar-se de cinzas, **(**sinal de humilhação**)**
9. Fazer a leitura da Torah nos cultos
10. Estola sacerdotal para pastores
11. Usar o hebraico nos louvores, pregações, saudações, etc.
12. Excessivos símbolos judaicos tais como:
    - 12.1. Bandeira de Israel
    - 12.2. O Menorah ou a Estrela de Davi
    - 12.3. Castiçais de sete braços
    - 12.4. Incensários em seus salões de cultos.
13. Trono **(**simbólico! dizem eles**)** e colocaram no Santo dos santos atrás do púlpito.
14. Raspar a barba e o cabelo
15. Árvore genealógica
16. Guardar as festas judaicas
17. Atos Proféticos
18. Dança profética
19. A guarda do sábado
20. Restauração do sacerdócio
21. Romarias para Jerusalém
22. Outros

Capitulo XII

Elementos Estranhos no Culto Neopentecostal e a Comercialização

Os Vendilhões do Templo Voltaram e Armaram suas Tendas



A proposta é tornar cada um tão poderoso quanto a sua própria vontade. Na busca pela fidelização da alma vale tudo, menos a pureza do Evangelho.

Propagandas e programas de TV têm divulgado em todos os cantos a mensagem de que você tem que ser alegre. Tem que conquistar o que quiser, seja qual for o custo. Fume tal cigarro, compre essa marca de carro e você encontrará a felicidade, é o que insinuam.

Estamos nos aproximando de certas sociedades em que a diversão do indivíduo no fim de semana é aos shoppings em busca da última novidade, comprometendo seu pequeno orçamento mensal. Se isso continuar desenfreadamente, vamos acabar sendo um país de endividados, de gente dependente da renegociação dos compromissos que não consegue quitar.

O pior é que muitos pregadores estão indo na mesma onda, apresentando um evangelho em que o que vale é atender os interesses do ouvinte para conquistar seu bolso e sua alma – para usar termo moderno, para fidelizá-lo aos negócios do "reino". Também, há a ameaça do capitalismo selvagem. Os evangélicos — bem como a própria Igreja Católica — convivem com uma cultura dominada pela cosmovisão pós-moderna do capitalismo neoliberal.

Nessa sociedade técnica, a religião torna-se pragmática e a piedade é instrumentalizada para satisfação pessoal. Devemos, portanto, tomar extremo cuidado de não cair no hábito de ver a Deus como se fosse uma máquina com botões prontos para serem apertados. A maior tentação para a igreja é que ela passe a ser uma organização gerida de acordo com as técnicas empresariais.

Em algumas igrejas evangélicas pastores se despiram de suas roupas pastorais. Assumiram o papel de executivos da fé. Seus escritórios parecem-se com os escritórios das grandes multinacionais; cercam-se de assessores e se reúnem regularmente em reuniões de planejamento.

Nos Estados Unidos, proliferam-se as igrejas estabelecidas sobre um marketing bem planejado. Sobram palestrantes ensinando como lubrificar as engrenagens administrativas de suas comunidades. Uma gama enorme de especialistas em crescimento de igreja palestra sobre como tornar o louvor adequado ao auditório — as orações devem ser mais curtas, as músicas mais comunicativas aos ouvidos sensíveis daqueles que não conhecem a Deus. Para esses empresários da fé, se providenciarmos bons estacionamentos, cadeiras confortáveis, ar-condicionado, um bom berçário para os recém-nascidos e uma excelente lanchonete, conseguiremos lotar nossos santuários e aumentar a arrecadação mensal.

Por mais bem intencionados que estejam, nenhum deles parece entender que lidamos com valores espirituais e não gerenciais. Nosso desafio não é o de lotar os auditórios, mas de inspirar corações a amar a Deus.

Infelizmente existem igrejas que se dizem evangélicas, mas que mais parecem clínicas de estética contra a obesidade ou a calvície, daquelas que mostram os clientes em duas imagens – antes e depois do tratamento. Olhe para as propagandas das clínicas estéticas e veja que invariavelmente têm duas fotos – uma mostra a pessoa gorda, feia ou careca; a outra exibe-a depois do tratamento, mais bonita e atraente. Nos centros de recuperação capilar, as fotos mostram o sujeito careca ao entrar e, depois, ostentando vistosa cabeleira. O mercado religioso tem feito verdadeiras pesquisas para identificar o que poderá agradar o "cliente". Depois, basta oferecer os produtos ou serviços "espirituais" mais adequados. "Se você perdeu aquela paixão venha participar **(**e dar a sua oferta – só que isso não aparece na propaganda**)** do culto tal"; assim também para quem está com problemas na empresa, no emprego, com mau-olhado etc. Tem até o show da fé, para ninguém botar defeito na eficácia nas alternativas do prozac gospel.

A proposta é tornar cada um tão poderoso quanto a sua própria vontade. É um tipo de promiscuidade espiritual e religiosa. Na promiscuidade sexual, busca-se dar vazão aos mais primitivos instintos da paixão; na religiosa, o "ápice" é pela busca de poder realizar os sonhos. "Sinta-se bem" – este é o lema do projeto de vida boa vendida a preços não tão módicos como se pensa.

Esse lado obscuro do mundo evangélico está gerando uma onda de mercantilismo religioso que chegará a um ecumenismo paradoxal. Hoje está difícil saber, nestes casos, onde fica a linha divisória entre o Evangelho, a macumba, a Nova Era e o folclore supersticioso, por exemplo. É o caso de se preocupar: aonde isso vai dar?



Mercantilismo Religioso

É interessante notar que algumas igrejas neopentecostais distribuem aos fiéis objetos ungidos dotados de poderes mágicos ou miraculosos, ato que mais uma vez as aproxima de crenças e práticas dos cultos afro-brasileiros e do catolicismo popular.

Esses líderes crêem que o uso e a distribuição de objetos visa apenas despertar a fé das pessoas e constitui uma das técnicas de pregação empregadas por Jesus em sua passagem pela terra. Depois de ungidos, os objetos são apresentados aos fiéis como dotados de poder para resolver problemas específicos, em rituais diversificados e inventivos, tendo por referência qualquer passagem ou personagem bíblicos. Dotados de funções e qualidades terapêuticas, servem para curar doenças, libertar de vícios, fazer prosperar, resolver problemas de emprego, afetivos e emocionais. Não apresentam caráter meramente simbólico como alegam os pastores quando inquiridos pela imprensa e por outros interlocutores. Para os fiéis, cujos poucos recursos são desembolsados em troca de bênçãos nas correntes de oração das quais participam dias ou semanas ininterruptamente, tais objetos, pelos quais esperam ter seus pedidos atendidos, contêm uma centelha do poder divino.

Capitulo XIII
Perguntas e Respostas Objetivas

Pentecostalismo Consiste em Barulho?

Pentecostal que não faz barulho está com defeito de fabricação. Esse é um novo conceito difundido no meio pentecostal. O que caracteriza um crente pentecostal é o barulho? Há base bíblica para esse conceito? O crente que não é barulhento, é um peixe fora da água em um culto pentecostal?
O verdadeiro pentecostalismo se baseia na Bíblia, nunca estrutura doutrinas e conceitos em cima de experiências pessoais, revelações, tradições, eventos sobrenaturais ou qualquer outro meio que não seja uma séria exegese dos textos bíblicos. Isso é característica do cristianismo histórico e do pentecostalismo histórico.
1. Barulho parece que não fazia parte da pregação de Paulo, At 20.7
2. Barulho não é necessariamente sinônimo de espiritualidade
3. Barulho não é necessariamente sinônimo de avivamento
4. Barulho não é necessariamente sinônimo de fervor
5. Barulho não é necessariamente sinônimo de poder
6. Barulho não é necessariamente sinônimo de unção
7. Barulho não edifica, quando é só barulho.

O Barulho é Característica do Culto Pentecostal?

1. O culto pentecostal é racional. Rm 12.2.
2. O culto pentecostal tem ordem. I Co 14.40.
3. O culto pentecostal é dinâmico, mas há lugar para uma liturgia. I Co 14.26.
4. O propósito do culto pentecostal é glorificar a Deus e edificar a igreja. I Co 14.26.
5. O barulho pode e deve respeitar os princípios estabelecidos.
6. O uso devido dos dons espirituais, não causa desordem. I Co 14.29-33

O que é ser Pentecostal?

1. Ser pentecostal é valorizar a EBD, como a maior agência de ensino da igreja.
2. Ser pentecostal é conclamar, os ouvintes do evangelho, ao arrependimento.
3. Ser pentecostal é valorizar uma liturgia participativa, mas ordenada.
4. Ser pentecostal é aceitar a contemporaneidade dos dons espirituais.
5. Ser pentecostal é aceitar a Bíblia como única regra de fé e prática.
6. Ser pentecostal é aceitar a doutrina do Batismo no Espírito Santo.
7. Ser pentecostal é enfatizar o sacerdócio universal dos cristãos.
8. Ser pentecostal é pregar a iminência da volta de Cristo.
9. Ser pentecostal é valorizar a grande Comissão de Jesus.
10. Ser pentecostal é primar por uma teologia ortodoxa.
11. Ser pentecostal é cultivar o Fruto do Espírito.

O que não é ser Pentecostal?

1. Valorizar um "evangelho" triunfalista, antropocêntrico, empirista e legalista.
2. Ser adepto de modismos teológicos, litúrgicos e ministeriais.
3. Ser adepto do liberalismo teológico ou da neo-ortodoxia.
4. Pregar um antiintelectualismo.
5. Fazer o culto-show.
6. Ser tradicionalista.

Capitulo XIV

R e f l e x ã o

1. A necessidade de um Pentecoste
2. As causas do Pentecoste
3. O conteúdo do Pentecoste
4. Resultados do Pentecoste

Dois obstáculos se interpõem no caminho de um genuíno despertamento espiritual: o primeiro é a experiência mística, à parte da Bíblia, como normatização de vida; o segundo é a erudição teológica sem a unção do Espírito Santo e sem piedade. Muitos hoje correm atrás de experiências, prodígios e sinais. Buscam um calmante, um anestésico que alivie suas tensões do agora. Comunidades inteiras são submetidas a catarses e extrojeções, em cultos de arrebatamento emocional, nos quais as pessoas decolam nas asas do histerismo coletivo e escapista e viajam pelos continentes da ignorância.

Alguns até consultam a Bíblia, mas de forma equivocada, pois não contextualizam sua mensagem, não aplicam a exegese nem a estudam sob as leis da hermenêutica sagrada. Abrem-na a esmo, consultam-na como se fosse um livro mágico. Outros acham que a Bíblia tem poder exorcizante. Colocam-na aberta no Salmo 91, na cabeceira da cama, para espantar os maus espíritos e proteger o lar dos aleivosos perigos. Usam a Bíblia, mas não retêm a sua mensagem. Carregam a Bíblia, mas não discernem a voz de Deus. Escutam o som ruidoso que brota do coração, mas não ouvem a voz de Deus que emana da sua Palavra.

Outros, porém, examinam as Escrituras com os óculos do racionalismo, com as lentes da teologia liberal, e fazem uma leitura equivocada da Palavra de Deus. O liberalismo tem matado muitas igrejas. Onde ele chega, a igreja morre. Onde os homens tratam a Bíblia com descaso, negando sua inerrância e infalibilidade, a igreja estiola-se e perde seu vigor.

Neste tempo de confusão, apostasia e sincretismo, é preciso trabalhar de forma árdua para resgatar a centralidade da Bíblia. É preciso zelar pela erudição bíblica, sem deixar a piedade de lado. E preciso repudiar o fanatismo e o emocionalismo histérico, sem deixar de resistir de igual modo ao teologismo estéril. Esses dois extremos, embora façam muito barulho, não produzem resultados que dignificam o nome de Deus. São trovões sem chuva, folhas sem frutos, aparência sem realidade, entraves ao verdadeiro despertamento espiritual.

A necessidade de um Pentecoste: O dr. John Stott, considerado um dos maiores exegetas bíblicos do século XX, disse que "antes de mandar a igreja para o mundo, Cristo mandou o Espírito para a igreja. A mesma ordem precisa ser observada hoje". Não há missão sem capacitação. Não há pregação sem poder. Não há avivamento sem derramamento do Espírito. Leonard Havenhill, em seu livro *Por que Tarda o Pleno Avivamento?,* conta a experiência de um pastor que pregou uma tabuleta na porta da sua igreja: "Esta igreja passará por um avivamento ou por um sepultamento". Na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá muitas igrejas históricas que tiveram um passado cheio de vigor e hoje são consideradas igrejas mortas. Têm templo, têm orçamento, têm estrutura, mas não têm vida.

A grande verdade é que ao longo da história, Deus visitou o seu povo, irrompendo com grande poder e trazendo à igreja tempos de refrigério, através do derramamento do seu Espírito. Foi assim entre os valdenses, na França, no século XII. Foi assim na Reforma do século XVI, quando o Espírito de Deus soprou com grande poder na Europa, usando homens como Lutero, Zwinglio, Knox e Calvino. Deus voltou a visitar a igreja com grande poder no século XVII, levantando sobretudo na Inglaterra os puritanos, uma das gerações mais santas e cultas da história da igreja. No século XVIII, as janelas dos céus se abriram em copioso derramamento do Espírito na Inglaterra, no País de Gales e na Nova Inglaterra. No século XIX, Deus enviou a chuva torrencial do seu Espírito em grandes avivamentos nos Estados Unidos, na Escócia, na Inglaterra e na Irlanda do Norte. No século XX, Deus tem feito maravilhas, desde o grande avivamento do País de Gales, em 1904, com Evan Roberts; o grande avivamento nas Ilhas Novas Hébridas, em 1946, com Duncan Campbell; o avivamento entre os zulus, na África do Sul, em 1966, com Erlo Stegen; e o grande despertamento na Coréia do Sul, desde 1907, quando o vento do Espírito começou a soprar com grande poder, levando aquela igreja a um colossal crescimento até os dias de hoje.

As Causas do Pentecoste:

Cumprimento da promessa do Pai. Lc 24.49: O Pentecoste é o cumprimento de profecias claras e inconfundíveis. O Deus fiel, que não pode negar a si mesmo e que vela pelo cumprimento de sua Palavra, prometeu derramar do seu Espírito sobre toda a carne. Jl 2.28. Obviamente não se está falando quantitativamente em "toda a carne", mas qualitativamente. O Pentecoste transpôs a barreira sexual, pois o Espírito foi derramado sobre filhos e filhas, homens e mulheres. Deus devolveu à mulher sua dignidade original. O Pentecoste quebra a barreira do preconceito etário: o Espírito desceu sobre jovens e velhos. Não há idade sagrada nem há idade problemática. Todos podem experimentar a vida abundante de Deus. O velho pode ter ideais e sonhos, e o jovem pode ter visões e discernimento. O Pentecoste rompe o preconceito social, pois o Espírito foi derramado sobre servos e servas. Não há aristocracia espiritual. Não há dinastia sagrada. Não há estratificação social no Reino de Deus. Até mesmo os mais simples e humildes são contemplados com a qualidade superlativa da vida cheia do Espírito.

Resultado de uma espera obediente. Lc 24.49: "...ficai em Jerusalém...". A ordem de Jesus estava dada e não podia ser mudada, adiada ou desobedecida. Os discípulos deviam permanecer em Jerusalém. Talvez o último lugar que gostariam de ficar fosse a cidade de Jerusalém, que significava fracasso e queda na vida deles. Jerusalém representava vergonha e opróbrio na história deles. Ali suas expectativas e sonhos foram sepultados. Ali um espectro de dor se apoderou da alma deles. Mas Jesus mostra que o cenário do fracasso deve ser o lugar da restauração. Onde há obediência, há bênção; onde a palavra de Jesus não é levada a sério, há maldição. Obedecer é melhor que sacrificar. Aquele não era tempo de sair, era tempo de ficar. Aquele não era momento de fazer missão, mas de introspecção. Há ocasiões em que o que Deus espera de nós não é atividade, mas auto-avaliação. Deus está mais interessado no que somos que naquilo que fazemos. A nossa vida é mais importante que o nosso trabalho.

Quando Jesus chamou os apóstolos, antes de enviá-los a pregar e a expulsar demônios, designou-os para que estivessem com ele. Agora, antes de derramar sobre eles o Espírito, capacitando-os para o cumprimento da missão, ordena-os a ficar em Jerusalém.

Precisamos depender mais dos recursos de Deus do que das nossas estratégias. Se gastássemos em oração o tempo que investimos em reuniões e programações intérminas, a igreja explodiria em crescimento fenomenal. Para nós, ficar quietos na presença de Deus é mais difícil do que correr de um lado para o outro. É mais fácil ser Marta do que Maria. É mais fácil sair em campo do que depender do Senhor, obedecer à sua Palavra e descansar nas suas promessas.

Lendo um dos manuais de crescimento da Igreja do Evangelho Pleno em Seul, pastoreada pelo dr. David Yong Cho, fiquei impressionado com o gigantismo do seu ministério. A igreja, que começou em 1958, conta hoje com 700 mil membros. É a maior igreja local do mundo. Tem 700 pastores auxiliares, 30 mil grupos familiares, 7 cultos a cada domingo com 50 mil pessoas cada.

Além da complexidade de uma igreja tão grande, ainda dispõe de várias emissoras de televisão, dezenas de emissoras de rádio e um jornal com 700 funcionários e tiragem diária de 1 milhão de exemplares. Fiquei impressionado ao conhecer essa igreja. Imediatamente comecei a meditar sobre a agenda do pastor titular dessa igreja. Como ele administra o seu tempo? Fiquei emocionado e comovido ao ler que ele gasta apenas 30% do seu tempo administrando toda essa máquina e 70% orando, lendo a Palavra e preparando o sermão de domingo. Estar com Jesus, ficar na presença de Deus, é a grande prioridade do seu ministério. Certa feita, o presidente da Coréia do Sul telefonou para o seu gabinete. A secretária disse-lhe que o pastor não poderia atendê-lo porque estava orando. O presidente insistiu em falar, dizendo à secretária que era o presidente e o assunto requeria prioridade. Ela delicadamente comunicou ao presidente que o pastor não o atenderia naquele momento, porque estava orando. Mais tarde o presidente ligou para o pastor e reclamou não ter sido atendido prontamente como a maior autoridade do país. O pastor respondeu-lhe que não podia atendê-lo porque estava em audiência com o soberano do universo, o Senhor Jesus Cristo.

Resultado de uma espera perseverante. Lc 24.49 "... ficai... até que do alto sejais revestidos de poder...". Muitas vezes, deixamos de receber uma efusão e um derramar do Espírito de Deus em nossa vida, porque somos muito apressados e superficiais na nossa busca. Desistimos cedo demais. Nosso amor por Deus é como a névoa que cedo passa. Vivemos num tempo em que predomina o descartável. Tudo precisa ser rápido. Não desenvolvemos a perseverança. Não agüentamos esperar.

Aquele grupo dos 120 discípulos perseverou em oração durante 10 dias. Eles não arredaram o pé. Não olharam para trás com incredulidade. Não duvidaram da promessa. Por isso, receberam a bênção. Os céus se abriram e o fogo de Deus caiu sobre eles. As torrentes do céu inundaram o coração deles. A vida deles foi tocada e transformada para sempre por causa dessa espera perseverante.

Depois de triunfar sobre os profetas de Baal no Carmelo, depois de ver o fogo de Deus cair sobre o holocausto e o povo cair de joelhos, proclamando que só o Senhor é Deus, depois de testemunhar o triunfo de Deus sobre os ídolos abomináveis que escravizavam a Israel, Elias subiu ao cume do monte. Lá meteu a cabeça entre os joelhos. Clamou a Deus pelo derramamento das chuvas. Havia três anos e meio que não chovia sobre a terra. Reinava a fome. A calamidade era geral. Elias, mesmo sendo um homem semelhante a nós, perseverou na oração. Clamou a Deus com insistência. Na sétima vez, viu um pequeno sinal, uma nuvem do tamanho da palma de uma mão e creu que Deus mandaria uma chuva torrencial. A chuva caiu. A terra floresceu e frutificou, porque Elias perseverou em buscar a Deus.

Naamã, comandante do exército da Síria, só foi curado de sua lepra quando deixou de lado sua própria metodologia e resolveu obedecer à ordem do profeta Eliseu, mergulhando no rio Jordão sete vezes. Se ele tivesse desistido na sexta vez, teria voltado para a Síria leproso. Importa perseverar. Perseverar é obedecer.

Na África do Sul, em 1991, houve um grande avivamento que Deus deu ao povo zulu em 1966 pela instrumentalidade do pastor Erlo Stegen. Foram 14 anos de busca. Muitas vezes eles foram tentados a desistir.
Houve tempos de desânimo, mas eles prosseguiram. Nos três meses que antecederam a chegada do avivamento, eles só conseguiam chorar em suas reuniões de oração, três vezes ao dia. Mas como a terra estava seca e os corações estavam sedentos, permanecendo na busca, Deus enviou sobre eles torrentes caudalosas do Espírito com resultados colossais que pudemos ver e ouvir.

Resultado da expectativa de uma vida cheia de poder. Lc 24.49."... até que do alto sejais revestidos de poder." O que você espera da sua vida cristã? Você tem anseios? Aspira a algo maior? Busca uma vida abundante? Anela com todas as forças da sua alma a plenitude do Espírito? Não há nada mais perigoso para o cristão do que viver satisfeito consigo mesmo. A estagnação e o conformismo são perigos ameaçadores à vida cristã saudável.

Muitas pessoas se contentam com migalhas, enquanto os celeiros de Deus estão abarrotados. Os mananciais de Deus são inesgotáveis. Os recursos de Deus para nós são ilimitados. Ele tem para nós vida abundante. Os rios de água viva podem fluir do nosso interior. Há vestes alvas e óleo fresco para a nossa cabeça. Temos à disposição a suprema grandeza do poder de Deus, o mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos. Não há escassez da parte de Deus. Enquanto tivermos vasilhas vazias, o azeite de Deus não cessará de jorrar. Enquanto nosso coração estiver sedento de Deus, ansioso por buscar sua face e aberto para receber a sua unção, não faltará orvalho do céu sobre nós, nem o bálsamo de Gileade sobre a nossa cabeça. Deus não despede de mãos vazias aqueles que nele esperam. Ele não decepciona aqueles que o buscam. Aqueles discípulos estavam aguardando não a perpetuação da escassez, não a continuação da crise, não o prolongamento da aridez espiritual que os assolava. Estavam buscando com avidez um derramamento do Espírito, uma qualidade superior de vida, uma experiência mais profunda com o poder de Deus.

No passado muitos homens de Deus experimentaram coisas tremendas e extraordinárias porque ousaram crer e buscar as riquezas insondáveis do Evangelho de Cristo e a plenitude do poder do Espírito. Foi essa busca de poder que fez de George Whitefield o maior pregador ao ar livre do século XVIII. Foi essa sede de vida plena que fez de John Wesley o grande avivalista que sacudiu a Inglaterra e tirou o país das cinzas de uma crise avassaladora. Foi o poder do céu que fez do jovem David Brainerd o maior referencial de vida piedosa no século XVIII, a ponto de John Wesley considerar a leitura do diário pessoal de Brainerd a obra mais importante a ser lida por um pregador. Foi esse revestimento de poder que transformou o vendedor de sapatos Dwight Moody no maior evangelista de todos os tempos. Hoje vemos muitas vertentes religiosas pregando um poder que vem de dentro do homem. Isso não é cristianismo, é budismo. O poder que precisamos não vem de dentro, mas do alto, do céu, de Deus.

Resultado de oração fervorosa. Atos 1.14 "... todos perseveraram, unânimes em oração." Todo o grupo dos 120 discípulos estava irmanado no mesmo objetivo. Ninguém ficou de fora daquela reunião de oração. Não houve desistência no meio do caminho. Todos perseveraram. Hoje, muitas vezes, temos ânimo para começar uma reunião de oração, temos arrojo para conclamar as pessoas, mas não temos fibra para perseverar. É fácil começar.
É fácil ter entusiasmo quando a situação é favorável. Mas Deus busca em nós persistência. Abraão insistiu com Deus para não destruir os justos junto com os ímpios em Sodoma. Deus ouviu a sua oração e tirou Ló de lá. Elias insistiu com Deus no cume do Carmelo e orou sete vezes até a chuva torrencial cair sobre a terra seca de Israel. Os discípulos passaram dez dias perseverando em oração. Eles não desistiram. Oraram até que veio sobre eles, com grande poder, o derramamento do Espírito. Mas eles não estavam apenas juntos. Não foi mera perseverança que marcou aquela extraordinária reunião de oração. Eles oraram unânimes. Havia acordo sobre o assunto da oração. Era como se fosse uma só alma diante de Deus. Eles estavam afinados pelo diapasão do céu. Eles tinham um só coração, um só propósito. Todos oravam na mesma direção, aguardavam a mesma promessa, buscavam o mesmo revestimento de poder.

Hoje temos gigantes do saber no púlpito e pigmeus na vida de oração. Pastores indolentes não sabem o que é agonia de alma, nem jamais experimentaram o que é lutar com Deus em oração como Jacó. E. M. Bounds disse no seu clássico livro *O Poder através da Oração* que "homens mortos tiram de si sermões mortos, e sermões mortos matam". Lutero, o grande reformador alemão, já dizia que "sermão sem unção endurece o coração". C. H. Spurgeon dizia que toda a sua vasta biblioteca nada era diante do altar sagrado de sua sala de oração. Abraão Kuiper, grande teólogo, educador e político holandês, afirmou que, "se pastores não forem homens de oração e não honrarem o Espírito Santo em sua vida e ministério, darão aos seus rebanhos pedra em vez de pão". É verdadeiro o refrão que citamos em nossas igrejas: "Muita oração, muito poder; pouca oração, pouco poder; nenhuma oração, nenhum poder". Na verdade, bancos vazios de oração fazem púlpitos sem poder. C. H. Spurgeon, ao pregar sobre o texto de Atos 1.14, disse: "Como esperar o Pentecoste se nem ainda fomos despertados para orar? Primeiro, vem a igreja toda, unânime, perseverando em oração, só depois vem o Pentecoste".

Perguntaram a David Yong Cho qual seria a melhor estratégia que um pastor deveria usar para levar a sua igreja a tornar-se uma igreja de oração. Ele respondeu: "A única maneira de levar uma igreja a orar é o pastor dela ser um homem de oração". Por esse motivo, quando perguntaram a Dwight Moody qual era, para ele, o maior obstáculo ao avanço da obra, ele respondeu: "O maior obstáculo da obra são os obreiros". E disse mais: "Moody é o maior inimigo de Moody". Se os pastores forem gravetos secos a pegar o fogo do Espírito, o povo todo começará a arder. Se o púlpito for uma fogueira, a igreja será cheia do calor do Espírito. Perguntaram a Moody certa vez: "Sr. Moody, como começar um avivamento na igreja?". Ele respondeu: "Acenda uma fogueira no púlpito".

Martyn-Lloyd Jones afirmou que "o Pentecoste é derramado sobre algo que está pronto. A unção do Espírito derrama-se sobre a preparação. Elias erigiu um altar, em seguida cortou a lenha e arrumou-a sobre o altar. Então, matou o novilho, cortou-o em pedaços e colocou-os sobre a lenha. Tendo feito tudo isso, orou para que descesse fogo; e o fogo desceu. Essa é a ordem das coisas".

0 conteúdo do Pentecoste: O Pentecoste veio porque uma congregação de 120 pessoas estava unida, coesa, unânime, perseverando na busca do mesmo ideal. At 1.14; 2.1. Havia unidade de propósitos. Hoje há ajuntamento, mas pouca comunhão; há orações, mas pouca concordância; muita coreografia, mas pouco quebrantamento; muito movimento, mas pouca adoração; muita agitação, mas pouco louvor; muita verborragia, mas pouca unção; muitos buscam o derramamento do Espírito, mas outros puxam para trás.

Quando o missionário presbiteriano John Hyde estava indo para a índia, recebeu um telegrama a bordo do navio. Abriu-o sofregamente. Havia uma pergunta lacônica e perturbadora: "John Hyde, você está cheio do Espírito Santo?". Ele ficou irritado com a petulância e audácia da pergunta. Amarrotou o telegrama, enfiou-o no bolso e tentou escapar da intrigante pergunta. Procurou justificar para si mesmo que a pergunta não tinha razão de ser, visto que ele estava indo para um campo missionário, abrindo mão de tantas regalias, a fim de embrenhar-se em terras longínquas e obscuras. Todavia, ao entrar em seu aposento, o dedo de Deus o tocou e a pergunta começou a arder em seu coração: "John Hyde, você está cheio do Espírito Santo?". Foi então que ele caiu de joelhos, em lágrimas, e clamou a Deus por um derramamento do Espírito em sua vida. Ele foi profundamente influenciado por esta oração. Experimentou algo especial da parte de Deus. Ao chegar à índia, em apenas três anos viu mais de mil pessoas rendendo-se a Cristo através do seu ministério. A experiência do enchimento do Espírito Santo é pessoal At 2.3,4. O Espírito Santo desce sobre cada um individualmente. Cada um vive a sua própria experiência. Ninguém precisa pedir, como as virgens néscias, azeite emprestado. Todos podem ser cheios do Espírito!.

No pentecostes o Espírito veio em forma de Vento para mostrar a soberania, a liberdade e a inescrutabilidade do Espírito. O Espírito, assim como o vento, sopra onde quer, da forma que quer, em quem quer. Ninguém pode cercar ou deter o vento. Ele é misterioso. Ninguém sabe donde ele vem nem para onde vai. Seu curso é livre e soberano. Deus não se submete à agenda dos homens.

Ele não se deixa domesticar. Ele não pode ser pressionado. Ele é Deus. Está no trono e faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade. Também no Pentecostes o Espírito veio em forma de línguas de fogo. O fogo ilumina, purifica, aquece e alastra. Jesus veio para lançar fogo sobre a terra. Hoje muitos crentes parecem mais barras de gelo do que brasas vivas. Benjamim Franklin gostava de ouvir George Whitefield porque podia vê-lo arder diante dos seus olhos. Deus disse ao profeta Jeremias: "Eis que eu converterei em fogo as minhas palavras na tua boca". Mas a tendência do fogo é apagar. Onde não há combustível, o fogo se apaga. É por isso que, cinco vezes, em Levítico capítulo 6, Deus instruiu a que não se deixe o fogo apagar sobre o altar. Deus acende o fogo, mas nós devemos mantê-lo aceso. II Cr 7.11. O apóstolo Paulo, nessa mesma direção, exorta o seu filho na fé, Timóteo, a reavivar o seu dom. II Tm 1.6. A palavra *reavivar* refere-se ao uso de foles para fazer com que volte a chamejar o fogo prestes a apagar. Precisamos de uma igreja inflamada. Quando a igreja perde o fogo do Espírito, os pecadores perecem no fogo do inferno. Só uma igreja aquecida pelo fogo de Deus pode arrebatar as pessoas do fogo da condenação.

Quando os discípulos ficaram cheios do Espírito, começaram a falar das grandezas de Deus. At 2.4,11. Todos começaram a glorificar a Deus. Não havia espaço para palavras torpes e maliciosas. Acabaram-se as intrigas. Cessaram as acusações. Toda a visão pessimista acabou. Eles estavam cheios de entusiasmo e vibração, falando das grandezas de Deus.

Precisamos de um Pentecoste que tire da igreja toda murmuração, toda palavra e atitude de derrota. Há muitos na igreja que só vêem as coisas através de lentes embaçadas. São pessoas que passam o tempo todo reclamando da vida, da família que têm, da igreja que freqüentam. São pessoas que jogam contra o patrimônio, que puxam para baixo, que remam no sentido oposto, que são sempre do contra. Essas pessoas são arautos do caos, profetas do desastre, embaixadores do pessimismo. Precisamos de um Pentecoste que tire a igreja do pântano do desânimo, da cova da murmuração e do calabouço do negativismo. Precisamos abrir a boca para falar das grandezas de Deus. Precisamos profetizar as possibilidades infinitas de Deus. Precisamos ser um povo mais ousado, mais otimista e mais entusiasmado!

Experiência pessoal de revestimento de poder. Lc 24.49; At 1.5,8: Não há cristianismo sem poder. O Evangelho que abraçamos é o poder de Deus para todo o que crê. Rm 1.16. O Espírito Santo que recebemos é Espírito de poder. II Tm 1.7. O Reino de Deus, que está dentro de nós, não consiste em palavras, mas em poder. Rm 4.20. A pregação da Palavra precisa ser feita com poder. I Ts 1.5; I Co 2.4.

O próprio Jesus, mesmo sendo Filho de Deus, não abriu mão desse poder. Quando foi batizado no rio Jordão, o céu se abriu, o Pai falou, e o Espírito Santo desceu sobre Ele, revestindo-o de poder para o ministério. Lc 3.21,22. Dali, Jesus foi para o deserto, conduzido pelo Espírito, cheio do Espírito, onde jejuou e orou durante 40 dias. Ali no deserto o diabo usou todo o seu arsenal para tentar a Jesus. Lançou sobre ele todos os seus torpedos mortíferos. Mas foi fragorosamente derrotado. Lc 4.1-11. Do deserto, Jesus saiu vitorioso e, cheio do Espírito, retornou à Galiléia. Lc 4.14.

Entrou na sinagoga de Nazaré e tomou o livro de Isaías nas mãos, para revelar ao povo que o Espírito de Deus estava sobre ele, ungindo-o para pregar, curar e libertar. Lc 4.17,18. Toda a vida de Jesus e todo o seu ministério aconteceram sob a unção do Espírito Santo. At 10.38. O Espírito Santo esteve presente até mesmo na sua morte (Hb 9.14) e na sua ressurreição. Rm 8.11. Se Jesus, sendo Deus, não prescindiu do poder do Espírito, tampouco nós podemos fazê-lo. Não basta apenas conhecer as Escrituras, é preciso experimentar o poder de Deus. Mt 22.29. Não basta apenas ter a cabeça cheia de luz, é preciso ter o coração cheio de fogo. Não basta apenas ter boa teologia, é preciso ter unção do Espírito. Não basta apenas ter boa organização, é preciso ter óleo na engrenagem. A igreja sem a unção e o poder do Espírito é como um vale de ossos secos.

Sem o poder do Espírito, poderemos ter igrejas grandes, mas não igrejas vivas. Sem o poder do Espírito, poderemos ter grandes templos, mas não congregações santas. Sem o poder do Espírito, poderemos ter um culto solene e pomposo, mas não convicção de pecado e sede de Deus. Sem o poder do Espírito, poderemos realizar grandes obras, mas não estender as estacas do Reino de Deus. Foi esse sentimento que levou Billy Graham, o maior evangelista deste século, a dizer: "Se Deus tirar a sua mão da minha vida, estes lábios se tornarão lábios de barro".

Depois de anos de trabalho missionário, John Wesley era apenas um cristão nominal. Converteu-se em 24 de maio de 1738 num culto dos morávios na Aldersgate Street, em Londres. Nesse mesmo ano, desejou uma experiência mais profunda com Deus. No dia 1° de janeiro de 1738, ele, seu irmão Charles Wesley e George Whitefield, mais 60 irmãos, continuaram em oração até às três horas da madrugada. Quando o Espírito Santo foi derramado de forma poderosa, eles foram usados para sacudir a Inglaterra e tirar a igreja das cinzas. John Wesley viveu 52 anos depois desse revestimento de poder. A partir daquele dia, pregou para grandes multidões, nas minas de carvão, nas praças e em todos os lugares onde o povo se ajuntava para ouvi-lo. Morreu em 2 de março de 1791, mas sua vida e seu exemplo inspiram o povo de Deus até hoje.

Antes de sua ordenação, George Whitefield jejuou e orou por dois dias. No seu primeiro sermão, 15 pessoas foram poderosamente convencidas de pecado e convertidas. Este gigante da pregação ao ar livre pregou durante 35 anos, de três a cinco vezes por dia para auditórios de 2 mil a 20 mil pessoas. Muitas vezes, caval-gando pelas estradas empoeiradas da Inglaterra, montado em seu cavalo, era tomado por grandes comoções. As torrentes do céu caíam abundantemente sobre ele. O orvalho celestial molhava a sua alma com unção renovada. O poder do Espírito o inundava, e o povo afluía para ouvi-lo com sofreguidão onde quer que ele chegasse.

Dwight Moody já havia sido usado grandemente em Chicago. Duas mulheres da Igreja Metodista Livre oravam fielmente por ele. No final do culto disseram-lhe: "Estamos orando por você". Intrigado, ele respondeu: "Por que vocês não oram pelo povo?". Elas então o fitaram e disseram: "Porque o senhor precisa de poder". Dias depois, o Espírito Santo desceu sobre Moody com poder em Wall Street, New York. A essas alturas, Moody já estava pedindo a Deus todos os dias para que o enchesse de poder.

Depois que Deus derramou seu Espírito e Moody experimentou essa efusão de poder, ele disse: "Eu não voltaria ao lugar em que estava há quatro anos, por todo o dinheiro do mundo". Mais do que nunca, estamos precisando de um Pentecoste para revitalizar a pregação nos nossos púlpitos. Há púlpitos que estão dando não o pão do céu ao povo, mas um caldo venenoso e mortífero. Há pastores pregando outro evangelho, ensinando ao povo doutrinas de homens, mercadejando a Palavra e sonegando às almas o santo Evangelho de Cristo. Há outros púlpitos que são verdadeiras cátedras de erudição, mas anunciam ao povo apenas sabedoria humana. Alguns púlpitos têm-se transformado em balcões de negócio, onde pregadores inescrupulosos vendem e barganham as bênçãos de Deus e escondem do povo o Evangelho da graça. Há também púlpitos que pregam a sã doutrina, a ortodoxia bíblica, mas sem o óleo da unção. São púlpitos secos, cujas mensagens são áridas. Os pregadores parecem postes doutrinários, carentes da seiva da vida.

Se não houver unção no púlpito, haverá morte nos bancos. Sem pregação ungida, os mortos espirituais não ressuscitarão. Sermões sem unção alimentam a mente, mas não tocam o coração. Lançam luz à cabeça, mas não ateiam fogo ao coração. Não estamos necessitados de grandes homens no púlpito, mas precisamos de homens de Deus. Não estamos necessitados de grandes sermões, mas de mensagens cheias do azeite do Espírito. Não estamos precisando de erudição, mas de unção.

Quando o Espírito é derramado, até mesmo homens rudes como os pescadores da Galiléia transtornam o mundo e atraem multidões aos pés de Jesus. Hoje gastamos mais tempo preocupados em preparar a mensagem, fazer pesquisas, ler comentários e buscar a exegese para os termos a partir das línguas originais. Tudo isso é muito importante. Mas não pode parar aí. Deus não unge estruturas literárias. Deus não unge simplesmente a mensagem, mas sobretudo o pregador.

Jonathan Edwards pregou um tremendo sermão sobre o tema "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado". Cerca de 500 pessoas sofreram tal impacto com a mensagem, que gemiam, choravam e gritavam, agarradas aos bancos e pilares do templo, tomadas de profunda convicção do pecado. Esse mesmo sermão está impresso. Poderíamos pregá-lo literalmente, e os resultados seriam bem outros. A unção não estava na mensagem, mas no mensageiro. O método de Deus é o homem. Deus unge homens, e não métodos. Precisamos, portanto, do poder do Espírito Santo para pregar a Palavra com poder e intrepidez.

Atos 1.8: Sem o poder do Espírito, a igreja perde a visão e a paixão. Sem o poder do Espírito, a igreja se encolhe e ensarilha as suas armas. Sem o poder do Espírito, a igreja se intimida e se esconde dentro de suas quatro paredes, pois é mais fácil ficar do que sair, é mais cômodo permanecer no ninho do que entrar em campo. Só o Pentecoste pode dar senso de urgência à igreja em relação à sua missão. Só o derramamento do Espírito pode tirar os olhos da igreja de si mesma e erguê-los para ver os campos brancos para a ceifa. Só o poder do Espírito pode elastecer a visão da igreja quanto à visão missionária.

No século passado, Alexandre Duff deixou a Escócia e foi para índia. Ali gastou a sua vida. Ali derramou o seu coração. Ali fez sua alma arder por Deus numa profunda devoção à salvação dos perdidos.

Depois de velho e cansado, doente e com as forças estioladas, voltou a seu país para tratamento de saúde. Também realizou conferências missionárias para despertar outras vocações que dessem prosseguimento ao seu trabalho. Certa feita, num grande auditório, falava a centenas de jovens. Pregou com grande ardor. Derramou seu coração num apelo veemente aos jovens, convocando-os a deixar a Escócia e ir para a índia. Para sua surpresa, nenhum jovem atendeu ao apelo. Ele ficou tão chocado com a resposta negativa do auditório que teve um ataque cardíaco no púlpito e desmaiou. Levaram-no para uma sala contígua ao púlpito, massagearam-lhe o peito e ele voltou à consciência. Pediu, então, para o levarem de volta ao púlpito de modo que pudesse terminar o apelo. Os médicos responderam que ele não podia voltar ao púlpito. Mas ele retrucou: "Eu não posso deixar de voltar. Preciso terminar o apelo". Levaram-no então ao púlpito, e o auditório o ouviu atentamente. Mesmo com voz trêmula, ele se dirigiu à seleta audiência com estas palavras: "Jovens, se a rainha da Escócia convocasse vocês para qualquer missão diplomática, em qualquer lugar do mundo, vocês iriam com orgulho e sem detença. O Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, aquele que amou vocês e morreu por vocês na cruz, convoca-os para ir à índia como embaixadores do céu e vocês não querem ir. Então irei eu. Já estou velho, cansado e doente. Pouco poderei fazer, mas pelo menos morrei às margens do Ganges, e o povo indiano saberá que alguém os amou e se dispôs a ir até eles, levando a boa nova da salvação". Quando Alexandre Duff terminou o apelo, o auditório estava em prantos. O Espírito de Deus produziu grande quebrantamento naquela conspícua assembléia, e dezenas de jovens se levantaram atendendo ao desafio de ir para a índia.

Conta-se que, quando Jesus terminou sua obra de redenção no mundo, morrendo na cruz e ressuscitando dentre os mortos, voltou para a glória, sendo recebido apoteoticamente pelos anjos. Um anjo aproximou-se de Jesus e perguntou-lhe: "Senhor, tu morreste na cruz para a salvação dos pecadores. Mas quem vai levar essa mensagem ao mundo inteiro?". Jesus respondeu: "Eu deixei lá na terra doze homens preparados para esta missão". O anjo, então, arriscou uma segunda pergunta: "Mas, Senhor, e se eles falharem?". Jesus de pronto respondeu: "Se eles falharem, eu não tenho outro método". Essa missão é nossa. É intransferível. Por isso, precisamos do poder do Espírito para realizá-la.

As missões são uma tarefa impostergável. Não podemos omitir-nos nessa tarefa, pois seria uma atitude criminosa. Não podemos protelar o que deve ser nossa missão mais urgente. A cada dia que passa, portas se fecham e outros atalhos aparecem para desviar as pessoas. Surgem a cada dia, em cada esquina, novas seitas pregando um falso evangelho, outro evangelho, fazendo os incautos enveredar pelas sendas do erro. Doutrinas satânicas estão ganhando espaço, conquistando terreno, invadindo as universidades, entrando na mídia bem na cara da igreja. Estamos assistindo nesse século à orientalização do ocidente. O espiritualismo com suas diversas faces está penetrando na cultura subjacente do nosso povo. Os terreiros de Umbanda crescem como cogumelos em todos os quadrantes da nossa Pátria. As seitas heréticas conquistam terreno a cada dia. E o pior disso é que a igreja dorme, enquanto o inimigo semeia o seu joio maldito no meio do trigal de Deus. Precisamos acordar. Precisamos levantar os olhos. Precisamos ver os campos que estão brancos para a ceifa.

Precisamos entender que a nossa comida e a nossa bebida é fazer a vontade de Deus, e a vontade de Deus é que levemos todo o Evangelho a toda criatura, a todas as nações, até os confins da terra. Numa tribo indígena, um jovem se preparava para ser o cacique. Era moço inteligente, ágil e com forte espírito de liderança. Seu corpo atlético e hercúleo faziam dele a esperança de toda a tribo.

Entretanto, uma doença indomável e avassaladora estiolou as suas forças, minou o seu vigor e tirou o brilho dos seus olhos. Toda a tribo, aflita, buscou os recursos disponíveis para salvar a vida do futuro cacique. Mas foi tudo em vão. A doença não retrocedia. O jovem, então, com o corpo surrado pela doença, os olhos perdidos no infinito e a certeza da morte iminente, aproximou-se de sua velha mãe e perguntou-lhe: "Mamãe, para onde eu irei quando morrer? O que será da minha alma?". A mãe aflita respondeu: "Meu filho, eu não sei". Os dias se passaram, e o jovem, agora com o corpo macérrimo e olhar baço, já no colo da mãe, com a voz fraca, perguntou-lhe: "Mamãe, estou morrendo. Para onde vai a minha alma? O que será de mim quando eu morrer?". A mãe, chorando, apertou-o contra o seu peito e disse: "Meu filho, eu não sei, eu não sei". O jovem, não resistindo à enfermidade, morreu sem saber para onde ia. Meses depois, chegou àquela tribo um missionário pregando o Evangelho, falando sobre o céu, a vida eterna e a certeza da salvação. Enquanto o missionário pregava essas boas novas de salvação, saiu de uma palhoça uma mulher idosa, com o rosto sulcado de dor e os olhos inchados de tanto chorar; ela correu em direção ao missionário, agarrou-o pelos braços, sacudiu-o violentamente e gritou: "Por que você não veio antes? Por que você não veio antes?". Era a mãe do jovem que morrera sem saber para onde ia. É muito frustrante chegar atrasado. É doloroso chegar tarde demais. Somos convocados a fazer missões, "aqui e além fronteira, antes que seja tarde demais".

Resultados do Pentecoste: 0 Pentecoste foi um fenômeno celestial. O Pentecoste não foi algo produzido, ensaiado, fabricado, teatralizado. Algo do céu verdadeiramente aconteceu. O Pentecoste foi incontestável, ninguém pôde negar sua existência. Foi irresistível, ninguém pôde impedi-lo. Foi soberano, ninguém pôde produzi-lo. Foi eficaz, ninguém pôde desfazer os seus resultados. Foi singular, o Espírito Santo veio para permanecer eternamente com a igreja, como o outro Consolador. O fenômeno do derramamento do Espírito incluiu:

1. Som - Não foi barulho, algazarra, falta de ordem, histeria, mas um som do céu. O Pentecoste foi audível, verificável, público, transpirando para fora do cenáculo, reverberando sua influência na sociedade. Este insólito acontecimento atraiu a grande multidão que estava em Jerusalém para ouvir a Palavra de Deus.

2. Vento - O vento é símbolo do Espírito Santo. O hebraico tem uma única palavra para vento e sopro. O homem passou a ser alma vivente quando Deus soprou em suas narinas. Foi o hálito de Deus que lhe deu vida. Deus renova a face da terra, enviando o seu Espírito. SI 104.30. O Espírito soprou no vale de ossos secos e do vale brotou a vida. Jesus disse que "o vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai..." Jo 3.8. O vento é livre, ninguém consegue domesticá-lo; ele sopra onde quer. Muitas vezes, ele sopra onde jamais sopraríamos e deixa de soprar onde estamos soprando com toda a força.

O vento é soberano, ninguém pode resistir a ele. O vento é misterioso; ninguém sabe de onde vem nem para onde vai. O vento tem uma voz, importa-nos ouvi-la e obedecer.

3. Fogo - O Espírito veio em línguas como de fogo. O fogo também é símbolo do Espírito. O fogo ilumina, pois quem é nascido do Espírito não anda em trevas. O fogo purifica, queimando todo o entulho que entope as fontes da nossa vida. O fogo aquece, tirando-nos da frieza espiritual e inflamando nosso coração. O fogo alastra, pois quando estamos cheios do Espírito é impossível isso ficar escondido. Quando estamos cheios do Espírito, as pessoas que estão à nossa volta notam isso e sofrem o impacto desse fato. A história dos avivamentos prova sobejamente essa tese. Foi assim no grande despertamento espiritual da Inglaterra no século XVIII.

Quando George Whitefield se levantava para pregar nas praças, as multidões se acotovelavam, ávidas para ouvir sua mensagem. Quando John Wesley ia às minas de carvão, aqueles homens, outrora rudes, choravam quebrantados pela sua pregação. No País de Gales, no século XVIII, Deus salvou um jovem, Howell Harris, usando não um sermão, mas o aviso dominical sobre a Santa Ceia. Ao ser convertido, Howell Harris não sabia pregar. Meses depois de sua conversão, recebeu poderosa visitação do Espírito e a partir de então passou a ter grande paixão pelas almas. Mesmo não sabendo pregar, começou a ler livros evangélicos para as pessoas. A unção de Deus caiu sobre ele de tal forma, que as pessoas sofriam grande impacto com suas leituras. Mais tarde, esse homem recebeu de Deus a capacitação para pregar e veio a ser um dos maiores avivalistas daquele século em seu país. Tornou-se eloqüente e ungido pregador. As multidões ouviam com profundo interesse sua pregação, e centenas de pessoas foram salvas através de seu ministério.

No século passado, no grande avivamento que varreu todos os Estados Unidos, Deus usou de forma tremenda o advogado Charles Grandisson Finney. Onde ele chegava para pregar, Deus operava maravilhosamente. Os corações se derretiam, e os joelhos se dobravam diante do Salvador Jesus pela sua pregação. Quanto a Dwight Moody, desde que foi revestido com o poder do Espírito em Wall Street, New York, sempre que se levantava para pregar, as pessoas se ajuntavam ávidas para ouvi-lo.

A Bíblia diz de João Batista que, cheio do Espírito, era uma voz e não um eco, e por isso as multidões deixavam Jerusalém com todo o seu aparato religioso, o sumo sacerdote e os mestres da lei e rumavam para o deserto para ouvi-lo. O que mais importa não é se estamos num púlpito erudito, numa catedral ou num templo de chão batido ou mesmo no deserto. O que importa é se o nosso ministério está irrigado pelo óleo do Espírito. O que importa é se há unção em nossa vida. Não adianta erudição sem poder. Não adianta conhecimento sem unção. Não adianta ter cursos e mais cursos se o orvalho de Deus não cai sobre nós. Nossos diplomas não podem atrair as multidões para ouvir a Palavra. Nossos títulos não nos credenciam a ter um ministério frutífero. E finalmente, depois do Pentecoste a religião deixou de estar vinculada a lugares sagrados para penetrar na tessitura da vida. O lar, o lugar mais comum, mais universal, deve ser o lugar mais sagrado, uma verdadeira Betel, casa de Deus.

Referências Bibliográficas

A.A (Autores Anônimos)
Claudionor de Andrade
José de Oliveira
Cristianismo em Crise. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, 1 ed. p.52-53.
Revista de enriquecimiento. Primavera de 2006.
Ciro Sanches Zibordi
Pastor Martim Alves da Silva
José Barbosa Junior
Jane Borges Santos
in Macarthur Jr. Desfrutando música e adoração espiritual.
in Casimiro (ed.) Adoração e louvor.
Leila Gusmão e Luz, Westh Ney.
Bíblia de Genebra, rodapé in loco
Swindol, Charles. A noiva de Cristo. S. Paulo: Editora Vida,
Warren, Rick. Um a igreja com propósitos. S. P: E. Vida, 3ª. ed., 1998, p. 308.
Hernandes Dias Lopes – Pentecoste O fogo que não se apaga